



Os rumos da Igreja a partir de Aparecida

Uma análise do documento final da V Conferência

Editorial

A V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência, tema de capa da edição desta semana da revista *IHU On-Line*.

O documento ainda não é oficial, pois foi entregue nas mãos do Papa Bento XVI na última segunda-feira, dia 11 de junho de 2007, para aprovação. Enquanto isso não acontece, a *IHU On-Line* decidiu ouvir teólogos e estudiosos que leram o documento e refletiram sobre os seus pontos principais, com o intuito de projetar os possíveis rumos da Igreja Católica a partir deste evento.

Benedito Ferraro, professor na PUC-Campinas, acredita que da V Conferência surge um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha. Já o jesuíta **Mario de França Miranda** afirma que o Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina. Por sua vez, o teólogo **Faustino Teixeira** faz uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida. Em sua entrevista, o frei **Clodovis Boff** afirma que o documento conclusivo da V Conferência “é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade. É também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia”.

Para **João Batista Libânio**, “Aparecida significou quase uma surpresa”, e o professor **Vanildo Zugno** vê no

Documento final uma prova do jeito latino-americano de ser Igreja. Também contribui com este debate o teólogo **Geraldo Hackmann**, professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Maria Clara Bingemer** igualmente participa da edição com uma entrevista sobre o Documento final da V Conferência.

Os leitores e as leitoras podem ler, ainda nesta edição, entrevistas exclusivas com o economista e professor na Unisinos **Achyles Barcelos da Costa**, sobre a crise do setor calçadista no Rio Grande do Sul, e com o filósofo brasileiro **Paulo Ghiraldelli Jr.**, sobre seu amigo e companheiro intelectual Richard Rorty, falecido neste mês e que foi o tema da editoria *Memória* da última edição da *IHU On-Line*. Isso sem mencionar as entrevistas com alguns dos palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU na semana que se inicia e as duas histórias de vida que trazemos a cada nova edição de nossa revista semanal.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Benedito Ferraro: “Surge da V Conferência um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha”

PÁGINA 08 | Mario de F. Miranda: “O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina”

PÁGINA 11 | Faustino Teixeira: Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida

PÁGINA 15 | Clodovis Boff: “O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”

PÁGINA 19 | João Batista Libânio: “Aparecida significou quase uma surpresa”

PÁGINA 24 | Vanildo Zugno: O Documento como prova do jeito latino-americano de ser Igreja

PÁGINA 28 | Geraldo Hackmann: “Da V conferência emerge uma Igreja comprometida com a vida humana, de forma integral”

PÁGINA 30 | Maria C. Bingemer: “O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 34 | Achyles Barcelos da Costa: “O impacto sobre o setor calçadista continuará sendo negativo”

» Memória

PÁGINA 38 | Jürgen Habermas: Rorty - poeta, filósofo e amigo

» Entrevista da Semana

PÁGINA 39 | Paulo Ghiraldelli Jr.: “O amor pela democracia é o legado de Rorty”

PÁGINA 44 | Destaques On-Line

PÁGINA 47 | Enquetes do site do IHU

PÁGINA 49 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 50 | Agenda de Semana

PÁGINA 51 | Carlos Águedo Paiva: “Para ampliar os lucros é preciso aumentar os salários”. O pensamento de Michal Kalecki

PÁGINA 54 | Eduardo José Diehl: “Permacultura é trabalhar com a natureza e não contra ela”

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 58 | Jorge Lino Machado

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 61 | Ilce Maria da Silva Duarte

“Surge da V Conferência um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha”

ENTREVISTA COM BENEDITO FERRARO

“Creio que a Teologia da Libertação é ainda o melhor instrumental que temos para uma exata compreensão da evangelização: ela mostra um método de análise da realidade, uma reflexão a partir da palavra de Deus, seguindo as indicações da exegese moderna, e um cabedal prático-pastoral devido ao seu compromisso com a luta política de libertação dos pobres e excluídos.” A opinião é de Benedito Ferraro, professor na PUC-Campinas e assessor da Pastoral Operária de Campinas, ao analisar o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line. Ferraro possui graduação em Filosofia pelo Seminário Central do Ipiranga e pela Universidade de Mogi das Cruzes, graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e doutorado em Teologia pela Universidade de Friburgo. É autor de, entre outros, Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios (São Paulo: Paulinas, 1992) e co-autor de Espiritualidade Libertadora (2. ed. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004) e de O código genético das CEBs (São Leopoldo: Oikos, 2005).

IHU On-Line - Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

Benedito Ferraro - Primeiramente, houve a novidade da V Conferência de Aparecida acontecer num grande centro de romaria. A presença contínua de milhares de romeiros, vindos de muitos estados do Brasil, não permitiu que os bispos delegados e os convidados/as se esquecessem da Igreja Povo de Deus. Igualmente, o fato de acontecer num santuário, com uma história ligada ao povo pobre, escravizado, povo negro, não deixou de ser referência. A segunda novidade esteve no fato de haver um Fórum de Participação, que possibilitou uma referência aos mártires da América Latina e do Caribe, através da presença da Tenda dos Mártires. Este fato foi reforçado com a Romaria realizada entre a cidade de Roseira (São Paulo) e Aparecida, com a participação de

10.000 pessoas, na sua grande maioria jovens, caminhando uma noite toda, tendo como referência a memória das Conferências do Rio de Janeiro (1955), Medellín¹ (1968), Puebla² (1979), Santo Domingo³ (1992)

¹ Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica Populorum Progressio, realizou, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano, que deu origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele, se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da *IHU On-Line*).

² A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. (Nota da *IHU On-Line*)

³ A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo no período de 12 a 28 de outubro de 1992. A

e, no horizonte, a Conferência de Aparecida. Estas atividades também ajudam a compreender melhor o alcance da V Conferência. Pode-se, também, destacar a presença de um grupo de teólogos/as, exegetas, pastoralistas e cientistas sociais, e do grupo Ameríndia, que pode colaborar com os bispos na linha da reflexão teológica, bíblica e pastoral. Finalmente, é possível falar que a V Conferência possibilitou a retomada da colegialidade na Igreja latino-americana e caribenha. Mesmo com a forte presença dos representantes da Santa Sé, nota-se um clima de maior liberdade. Isto é importante, pois as Conferências dos bispos da América Latina e Caribe são um exemplar único no mundo. Esta experiência pode se tornar um modelo de colegialidade para todas as outras partes do mundo.

IHU On-Line - Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

Benedito Ferraro - As três grandes luzes, no meu modo de ver, são a consagração da opção pelos pobres, que, nesta V Conferência, foi retomada e inserida na fé cristológica; a reafirmação das Comunidades Eclesiais de Base, retomando Medellín e considerando-as célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização; e a afirmação do diálogo ecumênico e inter-religioso, base fundamental para se construir um mundo de justiça e de paz.

As três sombras: a primeira é a não afirmação explícita da negritude, sobretudo em se tratando de uma conferência realizada num santuário que tem como Patrona uma Senhora Negra. Os negros cantam Senhora

Conferência foi convocada e inaugurada pelo Papa João Paulo II. A convocação colocou em evidência o quinto centenário da evangelização da América. O Papa propôs à Conferência os temas "Nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã". (Nota da *IHU On-Line*)

Negra Aparecida. A segunda foi o fato de não se denunciar com a maior nitidez possível o sistema neoliberal, causador do desemprego, da violência e da exclusão. A terceira se refere ao fato de não se tratar a questão da mulher com a devida seriedade: pouco se falou de seu papel na Igreja, visto que sua presença é majoritária, e nada sobre a questão da ordenação de mulheres.

IHU On-Line - Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso continente e no mundo e que interpelam a evangelização? A V Conferência consegue responder aos desafios destas mudanças?

Benedito Ferraro - Quero indicar duas grandes mudanças. A primeira está enraizada na reestruturação do mundo do trabalho como fruto da globalização hegemônica pelo sistema financeiro internacional. O sinal visível desta mudança se traduz no desemprego estrutural, na terceirização e na precarização do trabalho, deteriorando a qualidade de vida das pessoas e da própria natureza pelo processo de devastação dos recursos naturais. Neste sentido, embora a V Conferência aponte algumas críticas ao sistema neoliberal presente na América Latina e Caribe, não me parece que tenha tocado na raiz do problema. Creio que se deveria insistir muito mais no processo de integração latino-americana e caribenha como uma possível saída para os povos deste continente.

A segunda está relacionada com o pluralismo religioso. Hoje, a imensa maioria das famílias tem pessoas de parentesco muito próximo em outras Igrejas cristãs ou religiões. Também aqui houve um pequeno avanço no sentido de se afirmar o diálogo ecumênico e inter-religioso, mas não se percebe com nitidez uma compreensão da alteridade. Os outros, sobretudo, negros/as e indígenas, ainda são vistos com muito medo e desconfiança. Certamente, a V Conferência teria de

afirmar a necessidade de um novo paradigma na compreensão das alteridades.

IHU On-Line - O texto do documento final aponta uma retomada do método ver-julgar-agir. Como isso aparece no documento? O que faz parte do ver, do julgar e do agir a partir de Aparecida?

Benedito Ferraro - Já foi um ganho o fato de se afirmar a necessidade da retomada do método ver-julgar e agir. Mas, como as tensões sobre esta questão estavam muito presentes nos diferentes modelos de Igreja representados na V Conferência, o seu tratamento, de forma lógica e processual acabou, sendo ocultado. De qualquer forma, o método aparece na perspectiva da divisão em três partes do documento e que acabam indicando os três momentos do método proveniente da ação católica: VER - A vida de nossos povos hoje; JULGAR - A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários; e AGIR - A vida de Jesus Cristo para nossos povos.

IHU On-Line - Qual é a pertinência deste método hoje?

Benedito Ferraro - Creio que este método ainda tem pertinência, na medida em que busca descobrir as grandes questões advindas da realidade socioeconômica-política e cultural, buscando dar autonomia às realidades terrestres e às ciências; ilumina estas questões fundamentais com a Palavra de Deus e a tradição das Igrejas, buscando critérios éticos e evangélicos para um discernimento apropriado; e, finalmente, procura indicar caminhos de solução para os problemas. É claro que tal método não pode ser compreendido de forma compartimentalizada. É preciso respeitar as interações entre os diferentes momentos, dado que nem sempre é fácil de ser respeitado em um texto longo como o Documento Conclusivo e feito a muitas mãos e sem muito tempo para uma depuração. Com o decorrer do tempo, o que não for pertinente acabará virando pó!

IHU On-Line - Considerando a situação da Igreja na sociedade hoje, o documento fez um balanço de pontos positivos e negativos. Como se dá esse balanço?

Benedito Ferraro - Creio que o balanço foi feito. Certamente, muitos aspectos foram deixados de lado ou mesmo ocultados. Mas creio que a realidade de exclusão, fome e violência, presente na América Latina e Caribe, está bem delimitada. Mesmo ainda tendo uma visão eclesiocêntrica, a exigência do diálogo ecumênico e inter-religioso acaba perpassando o texto. Certamente, esta questão irá se desdobrar na exigência de um novo tecido eclesial para poder compreender e assimilar as mudanças ocorridas. O pluralismo se impôs de tal modo que a questão da crítica às outras Igrejas, devido à presença de seus representantes no interior da V Conferência, acabou tomando uma nova direção, a qual, no futuro, poderá ser muito mais flexível. A exigência de mudanças estruturais está colocada no interior do texto, mudanças estruturais na sociedade e na Igreja. Como elas se farão ainda não está indicado!

IHU On-Line - Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos. De que forma essa opção será posta em prática?

Benedito Ferraro - A opção pelos pobres continua sendo a pedra de toque no interior da Igreja. É a partir dela que se definem os modelos de Igreja. Sinto duas direções no texto conclusivo. De um lado, aqueles e aquelas que vêem os pobres e excluídos como objetos de comiseração, de atenção e de cuidado. Certamente, a partir desta concepção, surgirá uma dinâmica de assistência, que no texto está sinalizada com a necessidade de se dar mais tempo aos pobres, de atendê-los em suas necessidades imediatas, de se modificar minimamente o estilo de vida burguês de padres e bispos. De outro lado, aqueles e aquelas que vêem os pobres como novos sujeitos emergentes e que apontam

para um novo modelo eclesial e um novo modelo de sociedade. São novos sujeitos, que estavam invisibilizados e que hoje se tornam presentes e começam a exigir mudanças. Na verdade, elas já começam a ocorrer e apontam para um outro mundo possível. Estamos apenas no início de um processo de mudança!

IHU On-Line - Antes da realização da V Conferência, houve a admoestação a Jon Sobrino. Como pode ser descrita a recepção da Teologia da Libertação em Aparecida?

Benedito Ferraro - A admoestação a Jon Sobrino¹ foi um aviso alertando para o perigo da Teologia da Libertação. O desenrolar da V Conferência acabou por sinalizar uma outra direção. Nota-se que a Teologia da Libertação ainda tem muito a dar. A própria teologia

¹ Jon Sobrino: filósofo espanhol, jesuíta. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese "Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann". É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da *Revista Latinoamericana de Teologia* e do Informativo "Cartas a las Iglesias", além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. A respeito de Sobrino, confirma a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas Notícias Diárias, bem como o artigo "A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino", publicado na editoria Teologia Pública e escrito pela teóloga uruguaia Ana Formoso, na edição 213 da IHU On-Line, de 28-03-2007. Além de teóloga, Ana Formoso trabalha no IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

explícita (cristologia, trindade, eclesiologia) do documento conclusivo continua sendo de cima para baixo. Mas nota-se, nas entrelinhas, que a Teologia da Libertação tem muito a contribuir, tanto em relação à crítica da situação de dependência e exclusão, presente no continente latino-americano e caribenho, quanto em relação ao fenômeno do pluralismo religioso. É essa teologia que tem enfrentado com muita perspicácia a questão da teologia índia, da teologia afro e da teologia feminista, sem deixar de lado a questão ecológica. Neste sentido, creio que ela é ainda o melhor instrumental que temos para uma exata compreensão da evangelização: mostra um método de análise da realidade, uma reflexão a partir da palavra de Deus, seguindo as indicações da exegese moderna, e um cabedal prático-pastoral, devido ao seu compromisso com a luta política de libertação dos pobres e excluídos.

IHU On-Line - Qual é a importância do jovem para a Igreja hoje, considerando o documento recentemente aprovado pela CNBB e o encontro do Papa com os jovens? Como entender a pouca participação do jovem na Igreja e o que fazer para resgatar esse "rebanho"?

Benedito Ferraro - O Documento da CNBB² traz uma boa análise da situação dos jovens no Brasil, mostrando quais são seus medos básicos: ficar desempregado, ser morto e ficar desconectado. Ficar desempregado significa ser descartável, perder a auto-estima e não ser considerado. Ter medo de ser morto é a condição da imensa maioria de jovens pobres, vítimas da violência na flor da idade (14 a 25 anos). Ficar desconectado é, no mundo atual, perder a identidade de jovem num mundo

² Sobre o documento, foi publicada uma entrevista nas notícias diárias, no sítio do IHU. Os entrevistados foram o Doutor em Letras e padre jesuíta, Hilário Dick, e o padre e assessor nacional do Setor Juventude da CNBB, Gisley Azevedo Gomes. A entrevista intitulada *Juventude é o tema de importante documento da CNBB*, foi publicada no dia 6-6-2007 e pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

globalizado. A análise parece correta, mas as soluções dadas no documento da CNBB continuam ainda no terreno das intenções. O mesmo se poderia dizer do discurso do Papa no Pacaembu, no encontro com os jovens. Houve uma fala para os jovens que já estão na Igreja. Não se respondeu às questões levantadas pelos jovens que falaram em nome de seus pares. O discurso já estava preparado e não conseguiu atingir o coração dos jovens. Ficou a sensação do encontro bonito, emocional, mas pouco operacional. Creio que aqui se encontra a razão da pouca presença dos jovens na Igreja: a não apresentação de propostas viáveis do ponto de vista econômico, político, social e cultural. Os jovens só se engajarão na Igreja se encontrarem projetos que os atraiam e que os considerem sujeitos capazes de encaminhá-los.

IHU On-Line - Que rosto de Igreja emerge da V Conferência? Quais são as suas principais características?

Benedito Ferraro - Creio que ainda é cedo para se definir este rosto. Parece-me, no entanto, que vai surgindo desta V Conferência um rosto indígena e afro-americano da Igreja latino-americana e caribenha que começa a assumir as alteridades. Outra marca fundamental é a da defesa da vida, como fruto do próprio tema da V Conferência: vida para todos os homens e mulheres, vida para todas as criaturas, vida para a natureza. Enfim, para que tudo tenha vida!

“O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina”

ENTREVISTA COM MARIO DE FRANÇA MIRANDA

O padre jesuíta Mario de França Miranda, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, analisa o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida no mês passado. Vale lembrar que França Miranda participou de toda a conferência e contribuiu, como assessor, na redação do documento. Ele encontra no documento “uma tomada de consciência mais ampla de que a época da cristandade já passou, de que a Igreja não pode se limitar a uma pastoral de manutenção do que já tem e de que, numa sociedade pluralista e secularizada, ela deve ter uma postura mais ativa na proclamação de sua mensagem”. França Miranda é professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Filosofia, também é mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, da Áustria, e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, da Itália, com a tese intitulada A autocomunicação de Deus em Karl Rahner. É autor de vários livros, entre os quais citamos Existência cristã hoje (São Paulo: Loyola, 2005). Ele concedeu uma entrevista na 186ª edição da IHU On-Line, de 26 de junho de 2006, sobre Inácio de Loyola, os jesuítas e a modernidade; e outra na 219ª edição, de 14 de maio de 2007, sobre a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam.

IHU On-Line - Em que sentido podemos comparar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam com as conferências realizadas em Medellín, Puebla e Santo Domingo? Quais são as principais novidades de Aparecida?

Mario de França Miranda - Eu diria, primeiramente, que se trata do dinamismo apostólico que estava subjacente aos debates e aos textos parciais durante a realização da V Conferência. Este fato significa uma tomada de consciência mais ampla, por parte do episcopado presente, de que a época da cristandade já passou, de que a Igreja não pode se limitar a uma pastoral de manutenção do que já tem e de que, numa sociedade pluralista e secularizada, ela deve ter uma postura mais ativa na proclamação de sua mensagem. Esta idéia de que toda a Igreja é missionária afetará diretamente as pastorais, as estruturas e o posicionamento dos grupos sociais dentro da própria Igreja. Se medidas serão tomadas, para que mudanças sejam realmente efetuadas, já é uma outra questão. Outra novidade, pela ênfase que recebeu, concerne ao laicato. Havia uma concordância tácita de que a ação pastoral de leigos e leigas será decisiva para o futuro. Assim, boa parte do texto final é dedicada à identidade do discípulo de Jesus Cristo, à sua formação, à sua missão e à sua inserção na Igreja. Ainda poderíamos mencionar a emergência de etnias minoritárias (indígenas e afrodescendentes) como sujeitos na sociedade e no interior da comunidade eclesial, bem como a preocupação com a família, com o meio ambiente, com a Amazônia, com os migrantes.

IHU On-Line - Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

Mario de França Miranda - Central mesmo no Documento de Aparecida é o personagem “discípulo missionário”. Já presente no próprio motivo da V

Conferência, a saber, “discípulos missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida”, estará também presente nos debates nas subcomissões, nas comissões e nos plenários. Outro ponto positivo me parece ter sido a maior liberdade de expressão, o diálogo mútuo, o acolhimento da diversidade, que explicam que a riqueza seja a variedade de pontos de vista presentes no documento. Não considero sombra, mas teria gostado que tivesse havido uma maior consciência por parte dos bispos da importância da Igreja Latino-americana para a Igreja Universal. Somos diferentes, temos algo novo a oferecer. Devemos lutar por uma configuração eclesial mais próxima a nossos povos, pois temos uma religiosidade rica e que já não se encontra mais em outras partes. Neste sentido, poderia ter sido assinalado, ao lado da ênfase dada à eucaristia na vida cristã, também a crônica falta de sacerdotes e as comunidades desprovidas de padres. Outra deficiência se deu nas cristologias presentes no documento, que recebem acentuações diversas conforme a parte onde aparecem.

IHU On-Line - O texto do documento final aponta uma retomada do método ver-julgar-agir. Brevemente, como isso aparece no documento? O que faz parte do ver, do julgar e do agir a partir de Aparecida? Qual é a pertinência deste método hoje?

Mario de França Miranda - Sem dúvida alguma, a grita dos episcopados pedindo a volta do método ver, julgar e agir, em resposta ao documento de preparação, fez com que, na “Síntese” destas reações, o método fosse restabelecido, embora com iluminações introdutórias bíblicas em cada uma de suas partes. Também em Aparecida houve tensões com relação a este método, que exigiram mudanças nas várias redações. Ele aparece nas três partes do documento final. Primeiramente, um olhar qualificado, de discípulos missionários sobre a realidade social e sobre a Igreja; em seguida, a descrição do que constitui o discípulo missionário; e, numa terceira parte,

sob o tema amplo da vida, a parte que corresponderia ao agir. Ponho no condicional, pois, também aí, se encontram elementos doutrinários, explicativos, teóricos. O método continua válido porque a Igreja não é um fim em si mesma, mas está a serviço do Reino, devendo levar à sociedade a salvação de Jesus Cristo. Como poderá ela fazê-lo a não ser com um conhecimento adequado desta sociedade?

IHU On-Line - Como seria a renovação da ação da Igreja que os bispos pretendem impulsionar a partir das conclusões do documento final de Aparecida? O que faria parte desta renovação?

Mario de França Miranda - A renovação da Igreja será uma difícil tarefa para os responsáveis. Implica o que se chama no documento de uma conversão pastoral. Esta diz respeito primeiramente à mudança de mentalidade por parte dos bispos, padres, religiosos e leigos/as. Isso não acontece da noite para o dia, pois exige tempo, paciência e constância. Mas ela concerne também às estruturas eclesiais que deverão possibilitar maior comunhão e participação. Se os participantes da V Conferência deixaram claro no texto que anseiam por um laicato consciente e adulto, então se faz mister tornar possível o surgimento do mesmo, o que não acontecerá sem mudanças. Naturalmente, estas não aparecem tão concretamente no documento como seria de se desejar. E a razão é simples. As situações existenciais, os contextos socioculturais, os desafios prementes, são realidades diversas conforme os países. Neste sentido, devemos ser realistas. Jamais um documento voltado para todo este continente latino-americano satisfará plenamente nossas aspirações, pelo simples fato de que os outros países não são o Brasil.

IHU On-Line - Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos. De que forma essa opção será posta em prática?

Mario de França Miranda - Aparecida tem um belo texto sobre a opção pelos pobres e trata positivamente das Comunidades Eclesiais de Base. Contudo, impressionou-me mais o tratamento concedido à religiosidade popular, o que é talvez inédito em nossa tradição. Tal tratamento emerge em várias partes do documento e, quando é abordado explicitamente, constitui um de seus mais belos textos, realçando a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina.

IHU On-Line - Antes da realização da V Conferência houve a Admoestação a Jon Sobrino. Como pode ser descrita a recepção da Teologia da Libertação em Aparecida?

Mario de França Miranda - Embora alguns participantes ainda estivessem presos ao debate de vinte anos atrás, que via na acentuação do social a negação do espiritual (ou doutrinário) e vice-versa, creio que a alocução inicial de Bento XVI e o pensamento da maioria concordava que a fé cristã tem necessariamente uma dimensão social, com um claro imperativo ético por uma sociedade mais justa. Os aplausos ouvidos nas reuniões plenárias quando se defendia a causa dos mais pobres confirmam sem mais o que afirmamos.

IHU On-Line - Que rosto de Igreja emerge da V Conferência? Quais são as suas principais características?

Mario de França Miranda - Só o futuro poderá responder a esta pergunta, pois o rosto da Igreja vai depender, e muito, dos que nela têm maior responsabilidade, como também da consciência e empenho de todos nós.

Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida

ENTREVISTA COM FAUSTINO TEIXEIRA

“As Igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica conversionista e mais com sua mútua conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos e a terra onde habitam”, afirma o teólogo Faustino Teixeira, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, na qual analisa o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, que aconteceu no último mês de maio de Aparecida, São Paulo.

Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (PPCIR-UFJF), Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Ele é autor de vários livros sobre a teologia do diálogo inter-religioso. Ele é um dos grandes parceiros do IHU. Entre suas obras, citamos os livros, por ele organizados, Nas teias da delicadeza (São Paulo: Paulinas, 2006) e As religiões no Brasil: continuidades e rupturas (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista IHU On-Line, número 195, de 11-09-2006. Confira, também, uma entrevista com Faustino na edição 209 da IHU On-Line com o tema Por que ainda ser cristão?; uma resenha feita por ele sobre o filme O grande silêncio, publicada na edição de número 212 da revista IHU On-Line, de 19/03/2007; uma entrevista sobre a Teologia da Libertação, publicada edição número 214 da IHU On-Line, de 2 de abril de 2007; e outra entrevista sobre o poeta persa Rûmî, na edição número 222, de 4 de junho de 2007.

IHU On-Line - Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

Faustino Teixeira - Não tendo participado da V Conferência, minhas respostas correspondem a uma reação feita sobre a versão não oficial publicada após o evento. O que percebo, após ler o longo documento, é que ele conseguiu corresponder positivamente a aspectos importantes da vida eclesial latino-americana, superando

a tendência mais restritiva presente nos dois textos preparatórios: o documento de participação e a síntese das contribuições recebidas para a V Conferência. Percebe-se, de forma clara, o papel positivo exercido pelas diversas forças eclesiais nas mobilizações que antecederam e acompanharam a Conferência de Aparecida. Não sei se podemos falar propriamente em novidades, mas revela-se positiva a retomada do filão eclesial que marcou, por exemplo, as conferências de Medellín e Puebla: o método ver-julgar-agir (n. 19), o

reforço da opção pelos pobres (ns. 405-406) e pelas comunidades eclesiais de base (ns. 193-195). Vale também registrar o firme posicionamento do documento com respeito à questão social, em favor de uma “globalização diferente”, pontuada pela solidariedade e a luta em favor da justiça (n. 64), além da defesa da biodiversidade e o cuidado com o meio ambiente (ns. 66, 84, 86, 492, 493).

IHU On-Line - Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

Faustino Teixeira - Com respeito às luzes, podemos mencionar a posição firme do episcopado na crítica aos efeitos perversos da globalização, a afirmação de uma globalização solidária, a firme defesa do meio ambiente, de modo particular a causa amazônica, e a reafirmação da opção pelos pobres. A propósito das sombras, podemos sublinhar a manutenção de uma perspectiva teológica cristocêntrica eclesiocentrada, a concepção restrita de evangelização e a timidez no âmbito do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Gostaria, aqui, de me deter um pouco mais na questão das sombras, pois são aspectos que traduzem desafios importantes para o futuro da atuação eclesial no continente. Em razão da preocupação do episcopado latino-americano com a quebra da homogeneidade católica no continente, com a “debilidade” e fragilização da fé cristã e a conseqüente “sangria” para outras formas de expressão religiosa ou seculares, firma-se uma compreensão de evangelização onde Jesus Cristo e a Igreja católica ocupam um lugar central. Este projeto já estava bem delineado no discurso do papa Ratzinger, na abertura da V Conferência, que definiu os rumos da Conferência neste âmbito particular. Na perspectiva do documento conclusivo, Jesus Cristo traduz a “plenitude da revelação para todos os povos” (n. 95 e 548). E já estava presente no “desejo” dos povos originários, que por ele ansiavam

silenciosamente (n. 4). O documento indica que aceitar a Cristo é garantir a paz e a felicidade, e esta aceitação se dá na Igreja católico-romana, que abriga “tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e de consolo” (n. 262). A compreensão de evangelização é bem precisa, na linha do discurso que o papa Ratzinger fez aos bispos brasileiros na Catedral da Sé, em São Paulo. A evangelização vem entendida numa linha de explicitação do anúncio bem marcada: uma evangelização “metódica e capilar”, visando à adesão a Jesus Cristo. Falta, a meu ver, uma reflexão mais aprofundada sobre o significado da evangelização no tempo do pluralismo religioso. Mais do que encerrar a revelação numa definição restrita da “proclamação cristocêntrica” (n. 29), é necessário ampliar a visão para captar o significado da evangelização como um exercício partilhado em favor da renovação da humanidade (EN 18), de testemunho dos valores essenciais do reino de Deus, que é o único absoluto (EN 8).

O pluralismo religioso

No tempo do pluralismo religioso, não há por que manter a idéia de que Jesus é o único caminho de vida que leva a Deus e de que o cristianismo é um “imperativo categórico” universalizante. Esta é uma visão devedora de uma perspectiva tradicional, que expressa uma clara teologia do acabamento ou da realização, como se a manifestação de Deus em Jesus Cristo colocasse um ponto final na história da religião e nas manifestações reveladoras de Deus. Na visão do lúcido teólogo Claude Geffré⁶, recentemente impedido pela Congregação para

⁶ **Claude Geffré**: teólogo, frade dominicano, francês, professor honorário do Instituto Católico de Paris. É autor, juntamente com Régis Debray, do livro *Avec ou sans Dieu? - Le philosophe et le théologien* (Paris: Bayard, 2006). No ano passado, publicou o livro *De Babel à Pentecôte - Essais de théologie interreligieuse* (Paris: Cerf, 2006). Em português, a Editora Vozes traduziu o livro *Crer e Interpretar*, em 2004. Confira uma entrevista exclusiva que ele concedeu à *IHU On-Line*

a Doutrina da Fé de receber um título de doutor *honoris causa* numa universidade católica do Congo⁷, “a vocação histórica da Igreja não é o crescimento quantitativo dos cristãos, mas, em diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade, o testemunho em favor do reino de Deus que vem”.

O ecumenismo e o diálogo inter-religioso

Com respeito aos temas do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, vale também uma reflexão particular. Talvez esteja aqui um dos pontos mais frágeis do documento, mas que está em coerência com a dinâmica atual da conjuntura eclesial, bem mais afeita ao anúncio que ao diálogo. Os números que tratam o ecumenismo ainda estão um pouco melhores. Seguindo a pista da carta encíclica de João Paulo II, *Ut unum sint*⁸ (UUS 3), o documento assinala o caráter irreversível do ecumenismo (n. 243) e sua exigência evangélica (n. 244). Mas, em seguida, reitera a necessidade da reabilitação da apologética, da afirmação “clara e convincente” das convicções de fé (n. 245). O documento patina ao trabalhar o tema, expressando uma dificuldade real de acolher a diversidade como um valor, ou a rica idéia de uma “diversidade reconciliada”. O predomínio de uma visão eclesiocentrada impede reconhecer, na linha do

na edição número 207, de 4 de dezembro de 2006, intitulada “Retorno religioso”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Sobre o assunto, pode ser conferida no sítio do IHU, a notícia intitulada *Vaticano proíbe que Claude Geffré, teólogo francês, receba título no Congo*, do dia 9-5-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ *Ut unum sint*: Encíclica de João Paulo II (25.5.1995) sobre o ecumenismo, convidando católicos e irmãos separados a esquecerem fraquezas e erros passados e a procurarem os caminhos da unidade, cumprindo o voto do Concílio Vaticano II. No primeiro capítulo, lembra as exigências da renovação da Igreja, da proposição da doutrina certa, da oração, do diálogo e da celebração com os irmãos separados. No segundo, refere os frutos do diálogo com a Igreja do Oriente e com as Comunidades separadas do Ocidente. No terceiro, apela a um esforço cada vez maior da Igreja Católica para se chegar à plena unidade. (Nota da *IHU On-Line*)

que foi afirmado no Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo, que, na Providência de Deus, outros cristãos passarão toda a sua vida cristã em outras Igrejas, e isto não deve impedir aos católicos de se alegrar com a dinâmica da graça de Deus que frutifica entre eles (cf. Diretório... n. 206). Não há por que manter afirmando, com arrogância, que a Igreja católica é a única que possui a “plenitude dos meios de salvação” (DI 22) e que só nela é que se verifica a “única verdadeira religião” (DI 23). É verdade, como mostra o documento final, que o contato ecumênico favorece a “estima recíproca” e convoca à conversão (n. 248). Trata-se, porém, de uma metanóia⁹ “mais profunda de todos para Deus” (DA 41) e não de um “empenho ecumênico” que leve à “plena comunhão na unidade da Igreja”, que subsiste na Igreja católica. Quanto ao diálogo inter-religioso, o documento é bem mais tímido. Fala-se da prioridade que deve ser dada ao diálogo com as religiões monoteístas, o que limita o seu campo de ação num continente com outras tantas diversas presenças religiosas. Fala-se do diálogo com os olhos voltados para o anúncio (n. 254), deixando-se ofuscada a idéia essencial de que o diálogo tem “seu próprio valor” (DA 41). Há um reconhecimento positivo e rico da alteridade dos povos indígenas e afro-brasileiros (n. 89), mas a real abertura ao valor irreduzível de sua religiosidade fica ofuscada pela recorrente imagem das “sementes do Verbo” que presidem sua expressão vital (ns. 4,92, 548). Em sintonia com o discurso do papa Ratzinger, na abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, o documento sublinha a importância da manutenção da fé católica nas comunidades indígenas (n. 550).

IHU On-Line - Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso continente e no mundo e

⁹ *Metanóia*: palavra grega que significa “conversão”. (Nota da *IHU On-Line*)

que interpelam a evangelização? A V Conferência consegue responder aos desafios destas mudanças?

Faustino Teixeira - Penso, em particular, no desafio do crescente pluralismo religioso. Não há por que continuar mantendo uma reflexão teológica eclesiocentrada num tempo de complexa diversificação religiosa. A Igreja e a teologia vêm sendo desafiadas a buscar uma nova perspectiva de inserção e uma “purificação” de sua memória e afirmação de uma nova linguagem para dar conta desse desafio essencial. Como mostrou Jacques Dupuis¹⁰, em sua última obra, *O cristianismo e as religiões*¹¹, “a terminologia teológica, usada até hoje por muitos pregadores cristãos, e até por alguns teólogos, mantém ainda vestígios de um vocabulário nocivo em relação aos ‘outros’”.

IHU On-Line - Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a “fé em Deus Amor”? Como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja e do povo de Deus?

Faustino Teixeira - Penso que o desafio mais fundamental diz respeito ao testemunho dos valores essenciais, do trabalho conjunto em favor da recuperação da dignidade da criação e do exercício da compaixão. Temos, sim, que recuperar a dimensão de profundidade que anda meio esquecida em nosso tempo. E esses valores não são prerrogativas únicas das religiões. Seguindo uma pista favorecida pelo teólogo Paul Tillich¹²,

¹⁰ Jacques Dupuis (1923-2004): teólogo jesuíta de grande importância para a teologia cristã do diálogo inter-religioso. Foi acusado pelo Vaticano em 2001 por causa de suas teses sobre o pluralismo religioso que, segundo o Vaticano, contêm “notáveis ambigüidades” e levam a “opções perigosas”, a propósito do seu livro *Para uma Teologia Cristã do pluralismo religioso* (Bréscia: Queriniana, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões: do encontro ao desencontro* (São Paulo: Loyola, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

¹² Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, mais tarde naturalizado norte-americano. Suas pesquisas contribuíram também para o existencialismo cristão. Tillich é tido, ao lado de Karl Barth, como um

precisamos abrir espaços para a “profundidade” de nossa existência. E “quem conhece a profundidade, conhece a Deus”. As Igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica conversionista e mais com sua mútua conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos e a terra onde habitam. Panikkar¹³ fala no essencial desafio da cultura da paz para as religiões: o de concentrar as energias para “curar as feridas humanas” e as “pragas históricas da humanidade”.

IHU On-Line - Qual é o lugar e a importância do tópico “Família” no documento final? Pode falar sobre a importância de se “promover uma cultura do amor no matrimônio e na família e uma cultura de respeito à vida na sociedade”, que aparece no documento?

Faustino Teixeira - Neste campo, há ainda um longo caminho a ser percorrido pela Igreja. A compreensão de família que vigora no documento, recorrente na Igreja católico-romana, é bem tradicional. É um campo onde a teologia não consegue avançar muito, pois as resistências do magistério eclesial são contundentes. Em seu livro-entrevista de 1985, *Rapporto sulla fede*¹⁴, o cardeal Ratzinger assinalou que é no âmbito da teologia moral que ocorrem as principais tensões entre o magistério e os teólogos. Aqueles que ousam uma reflexão mais aberta sobre o tema encontram barreiras dolorosas em seu caminho. Há, no documento, passagens bem

dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ Raimon Panikkar: padre e teólogo, nascido em Barcelona, em 1918. Durante a sua carreira acadêmica teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Atualmente é membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris) e presidente do Vivarium (Centro de Estudos Interculturais da Catalunha). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ *Rapporto sulla Fede*, Vittorio Messori a colloquio con il cardinale Joseph Ratzinger (3 ed. San Paolo: Cinisello Balsamo, 1998). (Nota da **IHU On-Line**)

preconceituosas contra novas possibilidades de relacionamento afetivo, que são englobadas no que vem definido como “ideologia de gênero” (n. 40). Em defesa do que consideram o “patrimônio da humanidade”, os bispos reiteram o posicionamento tradicional da Igreja católico-romana sobre a família, marcando uma posição firme e intransigente contra quaisquer novidades que possam ocorrer no campo da reflexão a respeito do tema. São duras as críticas contra o aborto, definido como “crime abominável”, contra a eutanásia e outros

“delitos graves contra a vida e a família” (n. 455). A família vem definida de forma bem clara, enquanto “fundada no sacramento do matrimônio entre uma mulher e um homem” (n. 452). Mantém-se também a terminologia tradicional e pejorativa com respeito àqueles que não tiveram sucesso no primeiro casamento e buscam realizar-se numa nova união. Fala-se em “situação irregular” de tais matrimônios, ainda que se proponha um acompanhamento cuidadoso e compassivo aos que vivem numa semelhante situação (n. 456 j).

“O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”

ENTREVISTA COM CLODOVIS BOFF

Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à revista IHU On-Line, o frei Clodovis Boff afirmou que o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam “é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade. É também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia”. E, muito otimista, continua: “O documento da V Conferência não só dá mais um passo em frente, mas abre uma ‘nova fase’ na missão da Igreja no Continente. A sensação que passa é que ‘agora vai’”. Frei Clodovis Boff, frade da ordem dos Servos de Maria, nasceu em Concórdia, Santa Catarina, em 1944. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mogi das Cruzes, graduação em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina e doutorado em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina. É autor de vários livros, entre os quais citamos Uma Igreja para o Novo Milênio (5. ed. São Paulo: Paulus, 2003). Atualmente, reside em Curitiba e leciona teologia na Universidade Católica de Curitiba. Ele concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 125, de 29 de novembro de 2004, que foi posteriormente republicada no Cadernos IHU em Formação número 8, de 2006, intitulado Teologia Pública.

IHU On-Line - O que o documento final da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe traz de novidade em relação às conferências anteriores?

Clodovis Boff - O Documento de Aparecida é, a nosso ver, o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha. É o melhor documento produzido até hoje pelos nossos bispos e talvez por qualquer outro episcopado regional. Ele recapitula o que há de melhor nas Celams anteriores, e isso dentro de um quadro teológico muito mais rico, seguro e homogêneo. O documento é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade. É também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia. A meu ver, o documento da V Conferência não só dá mais um passo em frente, mas abre uma “nova fase” na missão da Igreja no Continente. A sensação que passa é que “agora vai”. É que o documento apresenta uma estrutura teológica e pastoral harmônica bem centrada. Acertando o passo com lógica específica da vida da fé, o documento se estrutura articulando os seguintes elementos: fé viva em Cristo a partir de uma experiência de encontro (“discípulos”), fé essa que se irradia no mundo em forma da missão (“apóstolos”) e que se prolonga na sociedade em termos de compromisso pela justiça e pela vida (“para que n’Ele nossos povos tenham vida”). Aqui, cada coisa está no seu lugar: a fé em Cristo no começo, como fundamento de tudo; a evangelização como primeiro desdobramento espontâneo dela; e, enfim, a missão social como seu necessário desdobramento ulterior. Este é o “fio vermelho” que permeia todo o documento e lhe dá unidade. Está aí, a meu ver, a chave geral que abre as riquezas de todo o texto episcopal. A principal novidade do documento? É a própria boa-nova do Amor de Deus a ser experimentado, anunciado e projetado na vida. Essa é a “prioridade das prioridades”, a prioridade originária

e permanente, que a Igreja é chamada a anunciar e a re-anunciar sem descanso. A partir dessa novidade perene, o documento coloca as outras novidades.

IHU On-Line - Sinteticamente, quais seriam as três grandes luzes do Documento de Aparecida e as três grandes sombras?

Clodovis Boff - O grande acerto do Documento de Aparecida é ter recolocado, no início e na base de tudo, a fé viva em Cristo. “Começou pelo começo”, isto é, por onde começou historicamente a vida da Igreja e por onde recomeça a cada dia. Fazendo assim, os bispos encontraram a embocadura certa para relançar a missão evangelizadora do Continente: partir em tudo e sempre de Cristo. Sabe-se - e Aristóteles o declara - que achar o princípio é sempre a coisa mais difícil e também a mais decisiva, mas uma vez achada, tudo se torna fácil e se põe em ordem. O documento apresenta a fé como um evento existencial, como uma “experiência de encontro”. Trata-se de um encontro vivo com a pessoa viva de Jesus Cristo. Entender a fé assim constitui uma redescoberta decisiva da V Conferência, pois supera uma idéia de fé entendida como simples aceitação de doutrinas, ou como opção ética, ou ainda como mera tradição cultural, como é em grande parte o nosso catolicismo. Fazendo assim, o episcopado latino-americano se põe em cheio no campo da espiritualidade, a parte mais íntima e vital da fé.

Um catolicismo de “iniciados”

Para operacionalizar pastoralmente a idéia de uma fé como “encontro com Cristo”, fonte de tudo o mais, os bispos propõem o “itinerário” de uma primeira “iniciação à vida cristã” (cap. VI). Entendem por aí introduzir “mistagogicamente” os afastados da fé à escuta da Palavra, à oração pessoal e à eucaristia. Pois só um catolicismo de “iniciados” é realmente evangelizador,

socialmente fecundo e eficazmente resistente ao secularismo moderno assim como aos proselitismos atuais. Quanto às sombras, vamos com calma e respeito, pois se trata aqui de um documento de nossos pais e guias na fé. Mas, francamente, não percebemos sombras que mereçam reparo. O que talvez possa acontecer seria a tentativa de jogar sombras sobre o documento por parte dos grupos que pretendem levar a Igreja por caminhos pouco sintonizados com o sopro do Espírito.

IHU On-Line - Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a fé em Deus-amor, e como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja?

Clodovis Boff - A mensagem de Deus-amor é a coisa mais preciosa que a Igreja tem a oferecer ao mundo. É disso que ela vive e é para isso que ela existe. Esta é a essência mesma do Evangelho. Isso vale para todos e mais ainda para os nossos povos pobres. Estes, excluídos que são pelos poderosos, precisam sentir-se acolhidos pelo Criador e Pai, de modo a criarem coragem para viver e lutar por tão grande dignidade. Quanto à “aplicação” da mensagem do amor de Deus, deve-se dizer que, mais do que se aplicar, ela precisa ser vivida a plenos pulmões e em todo o tempo. É como uma luz que enche de beleza, energia e calor cada realidade da vida, desde o eros até à vida na pólis. A evangelização objetiva despertar antes de tudo essa paixão mística e esse deslumbramento espiritual. Se a fé é bastante intensa, ela mesma encontra suas formas concretas de se manifestar. Pois, como disse Nietzsche¹⁵, “quem tem um

¹⁵ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O Anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o

porquê sempre encontra um como”. Quanto à operacionalização pastoral do anúncio do Evangelho do Amor, os bispos propuseram concretamente uma “grande missão continental” (n. 376-8). Esta objetiva mobilizar todas as forças vivas da Igreja para “sair ao encontro” dos distantes. E isso não com intenções de proselitismo ou de reconquista, mas para partilhar a alegria do Evangelho e comunicar as maravilhas da vida em e com Cristo.

IHU On-Line - A Assembléia de Aparecida confirmou a “opção preferencial pelos pobres”. Como essa opção vai ser posta em prática?

Clodovis Boff - Em Aparecida, a opção pelos pobres ganhou uma nova amplitude. Foram identificados “novos rostos” da pobreza: os desempregados, os refugiados e migrantes, os aidéticos e os tóxico-dependentes, a população de rua, as mulheres vítimas da violência e exploração sexual, os presos e tantos outros rostos mais. Mas é, sobretudo, a qualidade desta opção que é mais sublinhada pelo documento. Trata-se de uma opção verdadeiramente evangélica, no sentido de vir banhada e mesmo encharcada da fé em Cristo. E isso, tanto em sua origem (ela nasce do encontro com o Filho de Deus, “que de rico se fez pobre”) quanto em seu exercício (ela vibra com os sentimentos do coração do Bom Pastor). Quanto às aplicações concretas, além das indicações práticas que dão, os bispos apelam para a “imaginação da caridade”, a que se referiu João Paulo II.

IHU On-Line - Qual é a importância do tópico “família” e da necessidade de “promover a cultura do

filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. A edição 15 do *Cadernos IHU em Formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

amor no matrimônio e na família, assim como o respeito pela vida”.

Clodovis Boff - A Igreja sempre viu na família uma instância privilegiada da transmissão da fé como também dos valores humanos, inclusive sociais. Em verdade, entre todas as agências de transmissão de valores, a família é a primeira e mais importante pela influência capilar, profunda e a longo termo que exerce sobre os filhos. Não é, pois, verdade que ela é mais vítima da problemática social do que agente de mudanças. Esta é uma visão falsa e derrotista. Como “célula da sociedade”, uma família sadia leva a uma sociedade sadia. Mas se essa célula é cancerosa, toda a sociedade pode entrar em metástase. A vocação específica da família é particularmente urgida no contexto atual de relativismo e de niilismo, no sentido de resistir a e mesmo de reverter o atual processo de desagregação dos

valores, inclusive os mais naturais, como o amor à vida, a família heterossexual e a solidariedade humana.

IHU On-Line - **Que rosto de Igreja emerge da V Conferência? Quais seriam suas principais características?**

Clodovis Boff - Será o tipo de Igreja que cumprir o lema da Conferência, devidamente desenvolvido no Documento de Aparecida. Portanto, será em primeiro lugar, uma Igreja “discipular”: ouvinte da Palavra, meditadora, grande orante, contemplativa, adoradora, doxológica e eucarística. Depois, será uma Igreja “missionária”, que anuncia com alegria e entusiasmo a Boa-nova do amor de Deus em Cristo, como o que enche de sentido o coração do ser humano, também nesta vida. Será, enfim, uma Igreja “agápica”, enquanto se faz samaritana de todos os caídos à beira das estradas do mundo, cuidando deles e curando-os.

“Aparecida significou quase uma surpresa”

ENTREVISTA COM JOÃO BATISTA LIBÂNIO

“Uma das novidades do texto é a importância que atribui às comunidades e vê nelas o futuro da revitalização da Igreja. Tema que atravessa todo o Documento”, afirma João Batista Libânio, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, é também mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Libânio leciona Teologia no Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte.

É autor de uma imensa produção teológica. Entre outros, citamos os seguintes livros: Teologia da revelação a partir da Modernidade (5. ed. São Paulo: Loyola, 2005); Eu creio - Nós cremos. Tratado da fé (2. ed. São Paulo: Loyola, 2005); Qual o caminho entre o crer e o amar? (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005); e Introdução à vida intelectual (3. ed. São Paulo: Loyola, 2006).

Dele também foi publicado o artigo Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento no livro A Teologia na universidade contemporânea (São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 13-45), organizado por Inácio Neutzling.

João Batista Libânio é assíduo nas páginas da revista IHU On-Line. Na 103ª edição, de 31-05-2004, publicamos uma entrevista sob o título Teologia, pós-modernidade e universidade. Dele também publicamos o artigo Espaço para o diálogo na 136ª edição, de 11-05-2005. Na edição número 150, de 08-8-2005, publicamos a entrevista “O olhar teológico sobre a paternidade”. Recentemente, publicamos uma entrevista com ele sobre a Teologia da Libertação, na 214ª edição da IHU On-Line, de 2 de abril de 2007. Confira também um artigo de Libânio, intitulado “Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento” e publicado nos Cadernos Teologia Pública, número 16, de 2005.

IHU On-Line - Quais as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

João Batista Libânio - Há novidades que vêm do evento e outras que se originam dos textos. O evento de Aparecida distinguiu-se de Medellín¹⁶ pelo fato de que foi um encontro realmente de bispos. Eles mesmos tomaram as decisões da Assembléia e redigiram o texto. O papel dos assessores em Medellín foi decisivo. Depois de Medellín, perdeu muito de relevância para os bispos mesmos assumirem a tarefa. Em relação à Puebla e a Santo Domingo, Aparecida se mostrou mais envolvida com o ambiente. O fato de os bispos participarem da Eucaristia junto com o povo e experimentarem concretamente a religiosidade popular lhes terá feito bem. Em outros encontros, estiveram isolados e enquartelados no recinto dos trabalhos. Além disso, muitos outros acontecimentos entrosaram-se melhor com a Conferência. Houve um Seminário latino-americano de teologia, coordenado pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil, órgão da CNBB, e bem aceito pelo Celam. A Tenda dos mártires¹⁷ se fez presença estimuladora. A romaria das CEBS e das pastorais mostrou a visibilidade

¹⁶ **Documento de Medellín:** Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realizou, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano, que deu origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele, se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da *IHU On-Line*).

¹⁷ Em uma estrutura que lembrava um circo, a "Tenda dos Mártires", estava localizada na Avenida Itaguaçu, no caminho que levava à Basílica de Aparecida, durante toda a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, recebendo os romeiros e promovendo, por meios das pastorais sociais, momentos de fé e reflexão. O espaço foi fruto do trabalho de 23 pastorais sociais de toda a América Latina, que fomentaram debates sobre temáticas como o desemprego, a violência e a exclusão social. (Nota da *IHU On-Line*)

da Igreja da base. A assessoria permanente de teólogos da libertação do Grupo Ameríndia¹⁸ manteve boa relação com a Assembléia, diferentemente de outras Conferências, em que eram mal vistos.

Medellín foi uma Assembléia que rompeu caminho. Puebla e Santo Domingo vieram nas pegadas. Aparecida significou quase uma surpresa. A criação do Sínodo Continental¹⁹ parecia ter assinado decreto de morte a esse tipo de Encontro. E ele aconteceu depois de delicadas tratativas e oposições importantes.

A maneira da presença do Papa variou em cada uma das Assembléias. No Rio, não houve. Pio XII²⁰ não viajava. Na Colômbia, praticamente houve a simples viagem de Paulo VI²¹ para inaugurar a Conferência, com poucas atividades além do ato de abertura. Em Puebla, João Paulo II, depois de abrir a Conferência, fez longa viagem pelo México, enquanto os bispos trabalhavam. E os

¹⁸ **Grupo "Ameríndia":** organização que reúne intelectuais vinculados à Teologia da Libertação. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ Em Santo Domingo, em 1992, no discurso de abertura da Conferência, o Papa João Paulo II, pela primeira vez, falou da possibilidade de convocar os episcopados em forma de "sínodos continentais". Esses sínodos se realizaram, com a motivação especial de preparar o Jubileu. O Sínodo é de iniciativa do Papa e a Conferência é de iniciativa do Episcopado local, embora sempre contando com a anuência do Papa. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **Papa Pio XII:** nascido Eugenio Giuseppe Maria Giovanni Pacelli (1876-1958), foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. Foi o primeiro Papa nascido em Roma desde 1724. Foi o único Papa do século XX a exercer o Magistério Extraordinário da infalibilidade papal - invocado por Pio IX - quando definiu o dogma da Assunção em 1950 na sua encíclica *Munificentissimus Deus*. A sua ação durante a Segunda Guerra Mundial tem sido alvo de debate e polêmica. Foi proclamado Venerável pelo Papa João Paulo II na década de 1990. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **Paulo VI (1897-1978):** Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Faleceu no dia 6 de agosto de 1978. Chefou a Igreja Católica, durante a maior parte do Concílio Vaticano II, e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da *IHU On-Line*)

discursos do Papa se faziam cada dia mais críticos no campo social, influenciando continuamente o desenrolar dos trabalhos da Conferência. Haja vista o fato de as Conclusões de Puebla citarem mais de 100 vezes a João Paulo II. Em Aparecida, Bento XVI fez os discursos antes de começar a Conferência, de tal modo que os bispos não foram surpreendidos por novas intervenções pontifícias, a não ser por uma audiência em Roma na quarta-feira, 23 de maio, em que comentou a visita ao Brasil, retificando um ponto de sua fala sobre a primeira evangelização do Continente. Quanto às diferenças de conteúdo do texto, aparecerão nas respostas seguintes.

IHU On-Line - Quais seriam, de maneira sintética, as três grandes luzes de Aparecida e quais as três grandes sombras?

João Batista Libânio - Afirmar a relevância da experiência cristã fundamental e fundante: o encontro pessoal com Cristo no interior da comunidade da Igreja. A catequese tradicional concentrara-se sobre o conhecimento teórico, e, às vezes, até mesmo abstrato da fé católica por meio de catequese verbal. Percebendo que tal catequese não oferece garantia para enfrentar os desafios da pós-modernidade que carrega as tintas no lado existencial e afetivo, uma fé racional soçobrava e os evangélicos com pregações impactantes arrastavam, para suas igrejas, os frios católicos.

Uma segunda decorre da alegria de ter-se encontrado com o Senhor. De tal experiência, brotam os desejos de segui-lo e anunciar-lhe o Evangelho do Reino da Vida aos povos latino-americanos.

E, finalmente, articulando os dois eixos da alegria do seguimento e o do impulso para a missão do católico no seio da Igreja, pensa-se, então, deslanchar ampla mobilização para uma grande Missão Continental. No horizonte, surge o sonho de uma Igreja que se movimenta de dentro de sua fé no amor de Deus em

Jesus Cristo, e inspirada pelo Espírito Santo, que leve a todo o Continente mensagem de fé e vida.

As sombras vêm do lado conservadoramente institucional. Até agora, o conjunto dos bispos da América Latina não superou o trauma da libertação, tanto na expressão teológica quanto na constituição de uma Igreja voltada para ela. Pesa estranho silêncio sobre a Teologia da Libertação, como se ela nunca tivesse existido nem tivesse sido uma das contribuições originais da América Latina para o consórcio teológico mundial. O próprio termo libertação aparece poucas vezes, cercado de adjetivos para tirar-lhe qualquer força real concreta.

A análise da realidade ressentida do doutrinário. Em vez de partir, de fato, de boa análise da realidade, o texto a fez preceder de considerações doutrinárias e misturou, na análise, perspectivas doutrinárias de tal maneira que não ficou claro que mediações analíticas realmente usou. Produziu um gênero misto entre análise e doutrina. Estranha-se que nem se tenha mencionado o neoliberalismo, sendo atualmente o único sistema imperante com terríveis conseqüências para os países e camadas pobres.

Uma outra sombra se origina da incoerência entre a atitude de pôr no centro da vida eclesial a Eucaristia e, ao mesmo tempo, não enfrentar o problema do ministério ordenado masculino celibatário, em vista de que se consigam ministros ordenados suficientes para a demanda de Eucaristia. E no vácuo ministerial da Igreja católica crescem as igrejas evangélicas.

IHU On-Line - Considerando a necessidade de se iniciar uma nova etapa pastoral nas atuais circunstâncias históricas, como seria essa nova etapa pastoral?

João Batista Libânio - O texto vislumbra ampla renovação da vida do católico médio por meio de uma convocação massiva por parte da Igreja institucional. Há

certo voluntarismo idealista que espera mudança a partir da consciência das pessoas. Não se percebe bem que estruturas eclesiais favoreceriam tal impulso de discipulado missionário além da atual prática pastoral sacramental. O projeto mais detalhado da Grande Missão Continental será trabalhado na próxima Assembléia Ordinária do Celam, em Cuba. Temos que esperar para ver que tipo de iniciativas se farão para marcar essa nova etapa pastoral.

***IHU On-Line* - Uma novidade do documento é a tentativa de revitalizar a vida dos batizados para que permaneçam e avancem no seguimento de Jesus. Como se dá essa revitalização? O que fazer para motivar os batizados na fé católica?**

João Batista Libânio - A revitalização da vida do discípulo missionário parte de um fato primeiro que se traduz na alegria de ser discípulo para anunciar o evangelho do Reino da Vida. Há uma boa notícia que antecede ao cristão, que ele recebe e de que se faz porta-voz convencido. Na base de tal convicção está o encontro com Cristo, que o chama para segui-lo e o envia para o anúncio na força do Espírito Santo. A Igreja, por sua vez, oferece lugares e vocações específicas para viver tal realidade.

E o documento, em seguida, elabora longo capítulo sobre o itinerário formativo dos discípulos missionários em quatro lanços. Parte-se de uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo e entra-se num processo de formação, indicando os critérios e os passos que vão da iniciação à vida cristã até a catequese permanente. Finalmente, indicam-se os lugares que a Igreja oferece para a formação: família, paróquia, pequenas comunidades eclesiais, movimentos eclesiais e novas comunidades, seminários e instituições educativas. Um das linhas fortes do documento se manifesta na insistência e relevância das comunidades na vida eclesial.

***IHU On-Line* - Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos. De que forma essa opção será posta em prática?**

João Batista Libânio - A opção pelos pobres já se constituiu, como diz o próprio texto, “um dos traços que marca a fisionomia da Igreja Latino-americana e Caribenha”. É algo tão evangélico e arraigado na vida eclesial do Continente que é caminho sem retorno. As motivações teológicas variam. Bento XVI afirma e o documento repete que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. No entanto, o texto quase não avança no nível das mediações por causa do temor de a Igreja imiscuir-se em questões políticas. E o fato de incentivar o leigo não resolve, porque na prática a Igreja se identifica com o clero e este é o protagonista de tudo o que se faz. O Documento imagina que o agir consoante com a opção pelos pobres flua da fé cristológica e daí se faça criativo. As indicações permanecem na proximidade afetiva e existencial com o pobre. Já é algo, sem perguntar-se, porém, pelos movimentos sociais e outras instituições que objetivariam tal opção.

***IHU On-Line* - A partir de Aparecida, o que pensar das CEBs? O documento abre para uma retomada do modelo das CEBs ou este modelo já respondeu a uma época e agora se necessita outro novo modelo?**

João Batista Libânio - Uma das novidades do texto é a importância que atribui às comunidades e vê nelas o futuro da revitalização da Igreja. Trata-se de um tema que atravessa todo o Documento. As CEBs são tais comunidades no meio popular. Embora tenham presença discreta, recebem incentivo. Os bispos reafirmam-nas e dão-lhes novo impulso, reconhecem que elas são sinal de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização, e um ponto de partida válido para a

Missão Continental permanente. Constatam a ambivalência do fato de que em muitos lugares florescem e em outros minguam. No entanto, têm sido verdadeiras escolas que formam discípulos missionários do Senhor.

IHU On-Line - O documento fala da formação de leigos para a missão evangelizadora. Em que consiste esta formação?

João Batista Libânio - Qual refrão que atravessa o Documento Final, tudo começa para o cristão com o Encontro pessoal com o Senhor que o chama para viver, conviver com ele em comunhão de vida e destino. Daí lhe nasce a vocação de discípulo. De dentro dela, brota o zelo missionário. Mas tal trilogia - encontro, discipulado e missão - se vive na comunidade. E esta se chama Igreja católica. Daí a importância de se criar a identidade católica. Para ajudar-lhe a construção, requer-se sólida formação. Avulta a importância da catequese e dos catecismos. Ainda no pontificado de João Paulo II, elaborou-se o *Catecismo da Igreja Católica*²² na forma ampla e mais recentemente preparou-se um Compêndio para facilitar-lhe o uso. Para o campo social, editou-se o *Catecismo da doutrina social da Igreja*. O Documento insiste em que a catequese não se limite ao meramente doutrinal, mas seja verdadeira escola de formação. Inclui cultivar a amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a vivência comunitária, o serviço

²² O Catecismo da Igreja Católica é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, iluminado pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja. Trata-se de um texto de referência para o ensino da doutrina católica, com o qual pode-se conhecer o que a Igreja professa e celebra, vive e reza em seu cotidiano. Ele foi organizado de maneira a expor em linguagem contemporânea os elementos fundamentais e essenciais da fé cristã. Neste livro, encontram-se orientações para o católico comprometido com sua fé. O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, que foi publicado em 2005, é uma versão concisa, em forma de perguntas e respostas, do Catecismo. O texto está disponível em nove línguas, no website do Vaticano (www.vatican.va), o qual também possui o texto do Catecismo em seis línguas. (Nota da *IHU On-Line*)

aos irmãos. Em termos de Igreja de Brasil, a CNBB lançou o *Livro do católico*²³ para ajudar tal formação do leigo em vista da missão. Portanto, quatro passos: experiência pessoal inicial da fé em Cristo, consciência da identidade católica, alegria de vivê-la e zelo missionário de levá-la aos demais pelo anúncio do Reino da Vida. O tema da vida ocupa o horizonte subjetivo e objetivo da missão.

²³ *Livro do Católico*: A Edições da CNBB, lançou na 45ª Assembléia Geral da CNBB, entre os dias 1 a 9 de maio de 2007, em Itaici, o livro *Sou católico - vivo a minha fé*, como uma resposta ao anseio manifestado muitas vezes por pessoas que, confrontadas com o grande volume de informações e afirmações sobre religião, fé e moral, nem sempre conseguem ter clareza sobre a própria fé católica. Este subsídio destina-se a ajudar todos os católicos e pessoas interessadas a aprofundarem os fundamentos da fé e da vida cristã católica. Pode ser usado pelos grupos de reflexão, como aprofundamento da catequese, sobretudo na catequese com adultos. (Nota da *IHU On-Line*)

O Documento como prova do jeito latino-americano de ser

Igreja

ENTREVISTA COM VANILDO ZUGNO

Vanildo Luiz Zugno possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas, graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - ESTEF - e mestrado em Teologia pela Université Catholique de Lyon. Atualmente, é professor assistente do Centro Universitário La Salle, professor da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - ESTEF - e Coordenador do Curso de Teologia desta mesma escola. Também atua na formação de lideranças eclesiais no meio popular. Na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line, Zugno afirma que “é a pastoral que busca ser uma resposta aos desafios do mundo de hoje, que na realidade latino-americana se expressam nos anseios de libertação de nossos povos e nossas culturas, minorias étnicas, de gênero e etárias”.

IHU On-Line - Quais são os pontos mais positivos e quais as maiores dificuldades que o documento final apresenta?

Vanildo Zugno - O ponto mais positivo do documento é o próprio fato de sua existência, que representa a continuidade de uma busca de colegialidade pastoral na Igreja da América Latina. Talvez nós, latino-americanos, estejamos tão habituados a isso que não nos damos conta da nossa originalidade enquanto Igreja de um continente que busca caminhar conjuntamente no desejo de ser fiel a Deus e à realidade dos povos que aqui habitam. Depois da traumática experiência de Santo Domingo, muitos setores da Igreja do continente, por razões às vezes diametralmente opostas, cogitavam da não necessidade ou da não possibilidade de um novo documento colegial continental. E o documento, agora, está como prova desse jeito latino-americano de ser Igreja. Mas é bom ressaltar que o “documento de Aparecida” deve sua existência e sua qualidade, em grande parte, ao “evento de Aparecida”, ou seja, ao conjunto de atividades eclesiais e sociais que reuniram, em Aparecida e seus

arredores, diversas expressões desse jeito de ser Igreja na América Latina e Caribe: tendas, romarias, rezas, seminários pastorais e teológicos, presença de gente simples do povo cristão e de outras expressões religiosas. Outro ponto positivo a ressaltar é o resgate do método de pensar a fé neste continente nos seus três passos clássicos: ver, julgar, agir. Mesmo que nem sempre bem articulados no documento, são importantes porque, na reflexão, tão importante quanto o conteúdo, é o método. E esse método nos ajuda a ser “fiéis ao real”, como nos diria Jon Sobrino. Quanto aos conteúdos, cabe destacar o resgate de temas caros à tradição latino-americana: a opção preferencial pelos pobres (incluindo as novas pobrezas), pelos jovens, a justiça social e, em termos eclesiológicos, a plena cidadania eclesial das CEBs. Quanto às dificuldades, assinalo apenas duas, que, para mim, são as mais graves. A primeira é o eclesiocentrismo ou, ousaria dizer, o “catolicocentrismo”. O documento, mesmo dizendo a todo instante que somos chamados a ser missionários, “olha para dentro” da Igreja Católica. A transformação da sociedade, em vista do Reino,

não é o foco principal da ação missionária. Essa quase sempre se reduz a trazer mais pessoas para a Igreja ou a melhorar a vida da Igreja. E Igreja implicitamente entendida como hierarquia... Isso é um revés na tradição eclesial latino-americana. A outra dificuldade é a das mediações sócio-analíticas, tanto na leitura da realidade quanto nas propostas para a ação. A falta de um instrumental para a análise da realidade faz com esta seja percebida de forma fragmentária e, muitas vezes, com um viés moralista, como se a existência de injustiças e deficiências fosse apenas uma questão do acaso ou da boa ou má vontade por parte das pessoas. Estranha-se que em todo o documento não apareçam, nenhuma vez, as palavras capitalismo, liberalismo, socialismo ou comunismo. Do mesmo modo, nas propostas de ação: de modo geral (há exceções!), apela-se mais para boas intenções do que para programas e ações concretos. Essa falta de mediações para a ação faz com que o cristianismo apareça como uma ideologia e a ação dos cristãos na sociedade se restrinja à ação individual. O casamento das duas deficiências resulta numa não explicitada tendência de volta à segurança da cristandade, historicamente impossível.

IHU On-Line - O documento fala da formação de leigos para a missão evangelizadora. Em que consiste esta formação?

Vanildo Zugno - Antes de mais nada, é de se destacar que o documento, quando fala de formação, coloca os mesmos parâmetros e as mesmas exigências fundamentais para todos, independentemente de sua função na Igreja. Isso, por si só, já é um grande passo na direção de uma eclesiologia menos piramidal e hierárquica. Antes do específico, está o comum a todos os cristãos. O documento fala em “formação integral, kerygmática e permanente” (6.2.2.1). Essa caracterização por si só já é um programa... Quero, no entanto, chamar a atenção para dois aspectos que talvez

ajudem a esclarecer a questão colocada. O primeiro é aquilo que o documento chama de “as diversas dimensões” da formação (n. 297): humana e comunitária, espiritual, intelectual e pastoral-missionária. É a conjugação destas quatro dimensões que faz com que a formação seja integral. Não basta ter fé (dimensão espiritual) e sentir-se enviado e dominar técnicas de evangelização (dimensão pastoral-missionária) para ser um bom cristão e um bom evangelizador. É preciso conhecer a realidade humana no seu ser próprio (dimensão humana e comunitária) com a ajuda das ciências (dimensão intelectual). Isso é todo um programa de formação que envolve conteúdos e métodos e que nos chama a revisar os programas de formação cristã, desde a formação teológica até a catequese de iniciação. O outro aspecto que quero ressaltar é o chamado a pensar a formação cristã com o auxílio da pedagogia e através de programas construídos e vinculados à realidade local (n. 298). O necessário recurso à pedagogia nos lembra que, para formar, não basta ter boa vontade. É preciso dominar o modo de formar. A construção participativa e situada do projeto formativo lembra que a formação não pode estar desvinculada de um processo de Igreja local. Precisa ser pensada a partir e para uma comunidade cristã específica, com problemas específicos e compromissos específicos.

IHU On-Line - Como aparece no documento a solidariedade com os povos indígenas e afrodescendentes?

Vanildo Zugno - Um primeiro aspecto a destacar é o da valoração positiva das culturas indígenas e afrodescendentes (cf. n. 88 a 93). Isso deve ser dito, além do seu valor em si, também pela controvérsia levantada por Bento XVI no Discurso Inaugural a esse respeito. O Documento tem uma postura muito positiva e desafiadora nesta questão. O desafio vai em duas direções. A primeira é a de assumir, dentro da Igreja, a presença indígena e afrodescendente (n. 94). Isso é

desafiador se tivermos em conta a inexpressividade da presença física destes dois componentes da população latino-americana nos espaços de decisão e ação eclesial. A Igreja católica latino-americana ainda é branca, tanto na sua mentalidade quanto na sua organização. Uma segunda linha de ação, propriamente na direção da solidariedade, é a de assumir as causas indígenas. O documento é claro: a Igreja quer assumir as causas que são dos povos indígenas - defesa de suas culturas, demarcação de suas terras, educação bilíngüe e defesa de seus direitos - e, para complementar essa ação, tornar-se porta-voz dos indígenas na sociedade denunciando todas as ameaças com suas vidas e culturas (cf. não 549). Quanto aos afrodescendentes, a ação solidária vai na mesma direção: defesa da cultura própria e diálogo fraterno e respeitoso com essas culturas (não 551). Essa atitude abre para o segundo passo: denúncia da discriminação e racismo nas diferentes expressões, defesa do acesso dos afrodescendentes à educação superior, defesa de seus territórios e afirmação de seus direitos, cidadania, projetos próprios de desenvolvimento e consciência da negritude (n. 552). São propostas audaciosas que vêm fortalecer ações pastorais de solidariedade que já se encontram em desenvolvimento no continente e que precisam ser aprofundadas.

IHU On-Line - Segundo as considerações do documento final, como deve ser a presença dos cristãos na vida pública? Como deve se caracterizar o compromisso político dos leigos por uma cidadania plena na sociedade democrática?

Vanildo Zugno - No item em que trata explicitamente a questão, o documento, infelizmente, é muito pobre (10.5). Aponta aspectos importantes, é verdade: opção pelos pobres como motivação fundamental para a ação política; preocupação com a mudança de estruturas que geram injustiça; cuidado com a compreensão do ser humana e com a vida; distinção entre comunidade

política e comunidade religiosa; integridade moral etc. No entanto, o documento não fala em “como” implementar tudo isso. Só fala que os leigos devem fazer isso e a hierarquia orientar os leigos... Isso tem um sabor de neocristandade que se acreditava, desde o Vaticano II²⁴, superado! No fundo, o que há é uma deficiência eclesiológica, que não consegue superar a radical separação (para não dizer oposição) entre hierarquia e laicato e uma falta de mediações sócio-analíticas, que impedem a compreensão da dinâmica própria da ação política nas nossas sociedades complexas, onde o Estado (mais ou menos democraticamente controlado, conforme o caso) joga um papel fundamental. O documento não faz nenhuma referência aos partidos políticos ou à participação dos cristãos neste tipo de organização política... Como pensar o compromisso político dos cristãos sem a participação em partidos políticos? Sindicatos são mencionados uma única vez (n. 71), e para dizer que perderam sua capacidade de intervenção na sociedade... Quando fala da “Globalização da solidariedade e justiça internacional” (8.5), o Documento é muito mais concreto na indicativa de ações possíveis de serem realizadas pelos cristãos: fortalecimento da

²⁴ Concílio Vaticano II: convocado no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26-09-2005, intitulada Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? *Gaudium et Spes*: 40 anos, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

sociedade civil; defesa do bem comum; criação de oportunidades para todos, especialmente para os setores historicamente marginalizados; luta contra a corrupção; defesa dos direitos trabalhistas e sindicais; justa regulação da economia, finanças e comércio mundial; fim da dívida externa; regulação para os movimentos de capital especulativo; promoção do comércio justo e eliminação das barreiras protecionistas dos países ricos; preços justos para os produtos dos países pobres; atenção aos Tratados intergovernamentais... Juntando um aspecto com o outro, há, sim, boas indicações para se pensar a participação política dos cristãos na vida pública.

IHU On-Line - Considerando as necessidades de se iniciar uma nova etapa pastoral nas atuais circunstâncias históricas, como seria essa nova etapa pastoral?

Vanildo Zugno - A nova etapa pastoral não precisa ser iniciada. Ela já está em andamento na Igreja. Do ponto de vista do Magistério, ela se expressou com toda força

no Concílio Vaticano II, foi encarnada na realidade latino-americana pela Conferência de Medellín, foi disputada em Puebla, Santo Domingo e, agora, em Aparecida. É a pastoral que busca ser uma resposta aos desafios do mundo de hoje que na realidade latino-americana se expressam nos anseios de libertação de nossos povos, culturas, minorias étnicas, de gênero, etárias... enfim, de todos aqueles e aquelas que sofrem e lutam para superar esses sofrimentos. Pastoral criativa capaz de construir novas formas de ação tais como as CEBs, as pastorais sociais, as ações e programas ecumênicos e de cooperação com outras religiões e organizações da sociedade civil e do estado. Pastoral que tem como horizonte último o Reino e que, em função desse Reino, é capaz até mesmo de “reconstruir a própria Igreja”, numa nova e permanente eclesiogênese. Essa pastoral está presente no Documento de Aparecida. Não, é claro, de forma homogênea nem principal, pois não é esta a realidade pastoral predominante no Continente e no Caribe. Mas há espaço para ela e um espaço que muitos acreditavam perdido, mas não está!

“Da V conferência emerge uma Igreja comprometida com a vida humana, de forma integral”

ENTREVISTA COM GERALDO HACKMANN

Geraldo Luiz Borges Hackmann, professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, concedeu a entrevista que segue, por e-mail, à IHU On-Line, fazendo sua análise do Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, realizada em Aparecida no último mês de maio. Hackmann possui graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e mestrado e doutorado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana, de Roma. Para ele, a Igreja do continente está vivendo um momento novo, considerando que o documento final “mostra a sensibilidade para com o momento histórico da América Latina e do Caribe”, e “contempla, de forma tranqüila, aspectos antes considerados impossíveis de estarem juntos”. Geraldo Hackmann é autor de vários livros, entre os quais citamos A amada Igreja de Jesus Cristo. Manual de Eclesiologia como comunhão orgânica (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003) e O que é ecumenismo (Porto Alegre: EST edições, 2007).

IHU On-Line - Quais são as principais características da Igreja que emerge da V Conferência?

Geraldo Hackmann - Da V conferência, emerge uma Igreja comprometida com a vida humana, de forma integral, e sensível à situação atual. O ponto de partida é a vida, de acordo com a proposta de Jesus Cristo, que quer que todos tenham vida em plenitude (cf. Jo 10,10). Por isso, a defesa da vida, desde o seu nascimento até o seu fim natural. E daí uma Igreja comprometida com a defesa da vida, contra as ameaças que hoje vem sofrendo, como o aborto e outras formas de violência contra a dignidade humana. Isso inclui a promoção integral da dignidade humana, de acordo com a opção preferencial pelos pobres, na perspectiva do amor, pois, como diz o Papa, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9” (Discurso Inaugural 3). Como o documento

reflete a situação atual da Igreja, pode-se afirmar que a Igreja da América Latina e do Caribe está sensibilizada com a situação atual. Os bispos, como pastores que são, conhecem a realidade eclesial e a do continente.

IHU On-Line - Qual é a importância do jovem para a Igreja hoje, considerando o documento recentemente aprovado pela CNBB e o encontro do Papa com os jovens? Como entender a pouca participação do jovem na Igreja e o que fazer para resgatar esse “rebanho”?

Geraldo Hackmann - O jovem é muito importante para a Igreja. Seguindo a tradição de João Paulo II, Bento XVI tem se referido diversas vezes à juventude, além de marcar presença no encontro internacional da juventude. No documento final, há um ponto dedicado aos jovens. Depois de enumerar os desafios, o documento cita várias linhas de ação, e, entre elas, renovar de maneira eficaz e realista a opção preferencial pelos jovens, feita

em Puebla. A pouca participação dos jovens deve ser entendida dentro de um contexto amplo de desmotivação e descristianização. Os meios de comunicação de massa têm uma grande responsabilidade neste aspecto. As dioceses poderão organizar uma pastoral de juventude mais dinâmica e missionária, para atingir os jovens de forma mais eficaz, inclusive de acordo com as orientações do novo documento da CNBB sobre a juventude.

***IHU On-Line* - Com base em Aparecida, qual é sua opinião sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)? Precisamos de outro modelo?**

Geraldo Hackmann - O documento de Aparecida contempla as CEBs. Contudo, reconhece outras formas de movimentos e comunidades eclesiais novas. As CEBs, hoje, continuam tendo um lugar importante na pastoral da Igreja, mas, ao lado de outras iniciativas pastorais. Atualmente, elas não são um modelo exclusivo de pastoral e de vivência comunitária. O capítulo quinto dedica um item às CEBs e pequenas comunidades, dentro do ponto sobre os lugares eclesiais de comunhão. Isto significa que as CEBs, além de serem um sinal de vitalidade na Igreja, são reafirmadas e impulsionadas em Aparecida.

***IHU On-Line* - O tema do impacto do aquecimento global sobre a Terra e sobre a criação mereceu uma atenção adequada da V Conferência?**

Geraldo Hackmann - O tema da ecologia também esteve presente nos debates da Conferência de Aparecida. Prova disto é a presença da Amazônia e da Antártida no documento final, quando, no segundo capítulo, há um item sobre a biodiversidade, a ecologia, a Amazônia²⁵ e a Antártida. Também o capítulo nono apresenta um item sobre o cuidado do meio ambiente. A

²⁵ Sobre a Amazônia, confira a matéria de capa da edição número 211 da *IHU On-Line*, de 12 de março de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

riqueza natural do continente é um dom a ser preservado e, por isso, há uma série de propostas e orientações sobre este tema.

***IHU On-Line* - Qual é a importância da opção pelos pobres e excluídos, que aparece no documento?**

Geraldo Hackmann - A Conferência de Aparecida confirma a opção preferencial pelos pobres, em continuidade com as conferências anteriores. Este desejo do Papa, expresso em seu discurso inaugural, foi acolhido pelos participantes da Conferência. Os discípulos e missionários estão convidados a contemplar os rostos sofridos dos irmãos, pois estes são os rostos sofridos de Jesus Cristo. A Igreja da América Latina quer continuar sendo companheira dos irmãos mais pobres. A prática dependerá de toda a Igreja do continente. Se a Igreja continuar realizando aquilo que vem fazendo nas últimas décadas a favor dos excluídos, estará colocando em prática esta opção preferencial.

***IHU On-Line* - Quais seriam, de maneira sintética, os três grandes pontos positivos de Aparecida e quais as três grandes ressalvas?**

Geraldo Hackmann - É difícil. O tempo dirá quais serão as luzes e as sombras de Aparecida. Nenhuma Conferência é perfeita e não aborda tudo o que deveria. Assim como as outras conferências, Aparecida realizou-se dentro de um contexto concreto e histórico. No momento, poder-se-ão citar alguns aspectos relevantes, como a sensibilidade para com o momento histórico da América Latina e do Caribe que o documento transparece. O equilíbrio do documento, que contempla, de forma tranqüila, aspectos antes considerados impossíveis de estarem juntos. Neste sentido, a Igreja do continente está vivendo um momento novo. A defesa da dignidade humana e a defesa da vida também são aspectos relevantes.

“O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”

ENTREVISTA COM MARIA CLARA BINGEMER

Para Maria Clara Bingemer, professora do departamento de teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma universidade, as soluções apresentadas no documento da V Conferência para a superação das sombras que persistem na vida cristã do continente, “são tímidas e pouco ousadas”. No entanto, ela destaca que a CNBB, nas observações que enviou ao documento, “propõe soluções ousadas e interessantes”.

Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia e doutora em Teologia Sistemática. Ela concedeu uma entrevista sobre os jesuítas na edição número 183 da IHU On-Line, de 5 de junho de 2006, intitulada Os jesuítas e a expansão da cultura moderna. Na edição 220, do dia 21-5-2007, intitulada O futuro da autonomia, uma sociedade de indivíduos?, Maria Clara Bingemer concedeu outra entrevista: “Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso”. Confirma sua entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line:

IHU On-Line - Quais são as principais novidades da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam, em relação a Medellín, Puebla e Santo Domingo?

Maria Clara Bingemer - Eu diria que as principais novidades são:

- um protagonismo - ainda que às vezes não explícito - dos novos movimentos como a grande esperança para uma revitalização do catolicismo no continente. Ao falar do itinerário formativo do discípulo, o esquema é quase integralmente o que usa um conhecido novo movimento, o Caminho Neo-Catecumenal, por exemplo. Ao falar de comunidades de base, coloca a seu lado, na mesma seção, as pequenas comunidades, que são justamente as comunidades dos novos movimentos.

- como esses novos movimentos são em sua maioria ou totalidade de pessoas das classes médias, há uma mudança de lugar dos pobres e das classes populares como sujeitos da Igreja e da evangelização, muito embora sejam freqüentemente mencionados como objeto da mesma evangelização e do encontro com Jesus Cristo.

- o documento é bem mais aterrissado e melhor do que o de Santo Domingo, mas não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla. Por isso, apesar de conservar o método Ver-Julgar-Agir, o faz de maneira peculiar, com características diferentes das utilizadas em Medellín e Puebla. Isso reflete a mudança de rosto da Igreja latino-americana, que, após vinte e seis anos, reflete a marca de haver tido uma mudança significativa em seu rosto episcopal.

IHU On-Line - A partir das conclusões apontadas no documento final, quais as luzes e as sombras da vida cristã e da tarefa eclesial na Igreja hoje?

Maria Clara Bingemer - O documento aponta como luzes a herança católica do continente, a fé do povo latino-americano e todos os ganhos que, ao longo de muitos séculos, se pode tirar desta herança. Como sombras, aponta uma excessiva secularização de boa parte de segmentos da Igreja, como, por exemplo, a vida religiosa e a necessidade de superar este estado de coisas. Aponta também o êxodo de católicos para as fileiras evangélicas pentecostais e para outras religiões, ocasionando significativas perdas para a Igreja. Junto a isso, está o decréscimo das vocações sacerdotais, o encolhimento do contingente de fiéis etc. O documento conclama os fiéis católicos a superar essas sombras e aposta para isso sobretudo em forças como a família, primeiro agente de evangelização (embora seja uma família que a nosso ver não corresponde mais à realidade pluriforme das famílias católicas latino-americanas); a paróquia, a diocese e os movimentos. As soluções que o documento apresenta para a superação das sombras, que persistem na vida cristã do continente, são, a meu ver, ainda tímidas e pouco ousadas. Cito, como exemplo, o problema de que muitas comunidades católicas não têm a possibilidade de participar da Eucaristia no domingo porque não há clero no lugar onde estão situadas. Ficam, portanto, privadas daquele que é o mistério central do Catolicismo. A CNBB, nas observações que enviou ao documento de participação, encara corajosamente esse problema e propõe soluções ousadas e interessantes. Afirma, por exemplo, que se é verdade que “a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”, o fato de que 80% dos católicos brasileiros estejam impedidos de celebrar a Eucaristia aos domingos significa que estão privados de importante dimensão de sua eclesialidade. Sugere, então, que se repense a questão da ministerialidade laical e da possibilidade de retomada

do ministério por parte dos padres casados. O documento recolhe o problema, mas não a solução. Diz que aqueles que não têm a possibilidade de celebrar a Eucaristia aos domingos procurem participar devotamente de celebrações da Palavra (isso, aliás, eles e elas já o fazem) e rezem pelas vocações sacerdotais. Mostra, portanto, que o caminho de superação deste tipo de problemas ainda é o tradicional e que a Igreja não pretende introduzir nenhuma novidade significativa na formatação da questão.

IHU On-Line - Quais são as principais mudanças que estão acontecendo em nosso continente e no mundo e que interpelam a evangelização? A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - V Celam consegue responder aos desafios destas mudanças?

Maria Clara Bingemer - Parece-me que, em nosso continente, estão acontecendo significativas mudanças que acompanham o estado mutante universal: 1) pluralismo religioso e perda da hegemonia do cristianismo histórico; 2) necessidade do diálogo ecumênico e macro-ecumênico em escala crescente; 3) crescimento e aumento vertiginoso da pobreza e da injustiça presentes no continente, que só fez aumentar ao longo de décadas e que se encontra atualmente em estado calamitoso (é no mínimo escandaloso que o continente da esperança, o maior continente católico do mundo, tenha um terço de seus habitantes abaixo da linha de pobreza); 4) a cultura pós-moderna com as novas tecnologias (celulares, internet etc.) que transformaram desde a concepção do ser humano de sua corporeidade e sua identidade humanas até as relações humanas e comunitárias; 5) uma mudança na recepção das normas e orientações da Igreja, qual seja, a síntese pessoal que muitíssimos católicos fazem quanto à vivência da moral ou ao estilo de vida e que nem sempre, ou quase nunca, corresponde ao que a Igreja determina. E, mesmo assim, esses católicos não se sentem fora da

Igreja; ou seja, estão em curso novas formas de crer às quais a evangelização necessita estar atenta.

A meu ver a V Conferência olhou de frente alguns destes desafios, mas não todos. Creio que a concepção de evangelização que emana do documento leva em conta a perda de hegemonia do cristianismo histórico e reconfigura a evangelização em termos de qualidade e não de quantidade. Mas me parece que, em termos da urgência do diálogo, de interagir com o diferente, de incluir o excluído, a resposta ainda é um tanto tímida. Há que esperar que após a aprovação definitiva do documento pela Santa Sé se possa trabalhar o documento e aí, a partir dele, gerar novas respostas mais ousadas para estes desafios.

IHU On-Line - Como seria a renovação da ação da Igreja que os bispos pretendem impulsionar a partir das conclusões do documento final de Aparecida? O que faria parte desta renovação?

Maria Clara Bingemer - Creio que a renovação que os bispos pretendem, e que está explícita no documento, implica uma Igreja onde a hierarquia desempenhe bem o seu papel de condutora do processo. Não percebo, no documento, a flexibilidade que o Concílio trouxe com o conceito de Igreja Povo de Deus. Creio que, para o documento, a liderança primeira desta Igreja renovada no continente são os bispos e o clero. O documento fala bastante, no entanto, de um laicato adulto, indispensável para que a evangelização chegue onde apenas os leigos chegam etc. E neste ponto, sim, retoma o concílio. Parece-me, no entanto, que a teologia pós-conciliar com relação à identidade e missão do laicato não está contemplada no documento, uma vez que se insiste uma e outra vez em que os leigos devem trabalhar no mundo, nas estruturas temporais etc. Aí é o seu lugar. Isto significa que o paradigma que rege a eclesiologia do documento é aquela baseada na contraposição clero X laicato e não o que está expresso

nas teologias pós-conciliares de Bruno Forte²⁶ e outros, de uma fecunda interação comunidade - ministérios.

A meu ver, não é aberto nenhum caminho novo para o laicato, que é convocado a assumir a parte do leão da evangelização e missão continental. Ao contrário, alguns caminhos que já se encontravam abertos percebem-se, senão fechados, ao menos colocados em segundo plano. Trata-se, portanto, de uma Igreja ainda muito centrada na hierarquia e no clero essa que o documento delinea e com a qual pretende renovar a identidade e a missão católica do continente. Igualmente, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, apesar de terem merecido bons e polpudos parágrafos do documento, se encontram algo obscurecidos pelo próprio tom do documento em si. A insistência na identidade católica do povo latino-americano como a maior das graças, as repetidas, inúmeras menções à Virgem Maria, como modelo de discípulo, de evangelizador, de missionário etc., revelam que os destinatários do documento são mesmo os católicos e não os cristãos do continente. A meu ver, isso prejudica um pouco o sonho de uma missão continental, pois para uma empreitada deste porte, seria necessário

²⁶ **Bruno Forte**: teólogo italiano, consultor do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos e membro da Comissão Teológica Internacional. Teólogo de grande fama, celebrado escritor, o professor Bruno Forte ministra cursos e conferências em muitas universidades européias, americanas e asiáticas. Nascido em Nápoles, no ano de 1949, foi ordenado sacerdote em 1973. É doutor em Teologia e em Filosofia. Professor ordinário de teologia dogmática na Pontifícia Faculdade de Teologia da Itália Meridional, localizada em Nápoles, colabora também em numerosas revistas européias. Autor de inúmeros livros, citamos entre eles *A essência do cristianismo* (Petrópolis: Vozes, 2003). Publicou pela Editora Paulus os livros: *Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus; Na memória do Salvador; e Teologia da História: Ensaio sobre a revelação*. Pelas Edições Loyola, publicou, em 2002, o livro *Teologia em diálogo. Para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. O teólogo concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* na 79ª edição, de 13 de outubro de 2003, sob o título "Teologia e pós-modernidade". Foi nomeado bispo pelo Papa João Paulo II. Notícias sobre Bruno Forte podem ser conferidas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

unir todas as forças cristãs do continente. E, nesse sentido, o ecumenismo desempenharia um papel importantíssimo.

IHU On-Line - Qual é a importância de difundir na cultura de nossos povos a “fé em Deus Amor”? Como isso se aplica no dia-a-dia da Igreja e do povo de Deus?

Maria Clara Bingemer - Parece-me que a fé em Deus Amor, coração do evangelho, é um ponto importantíssimo a ser difundido na cultura de nossos povos. O cristianismo tem o amor no centro de sua proposta e, por isso, deve propor e anunciar claramente que Deus é Amor, a fim de ser fiel à mensagem da qual é portador. No entanto, o amor que o evangelho de Jesus Cristo propõe é um amor “infeccionado” profundamente de justiça, de paixão pela justiça, de repúdio às injustiças de toda sorte. Nesse sentido, parece-me que o amor que dimana do documento tem boas passagens

nesse sentido, mas não faz disso a linha central de seu conteúdo.

Por isso, parece-me que o trabalho pós-conferência será fundamental. Aí se terá a chance de, a partir das muitas boas passagens que tem o documento, trabalhar o dia a dia da igreja e do povo de Deus em termos da fé em um Deus amor. E esse Deus Amor ouve os clamores do seu povo e se revela como amor não idilicamente para apaziguar corações inquietos apenas, mas como perdão diante da violência, como justiça diante da pobreza e da opressão, como abertura diante do diferente e do outro, como disponibilidade para assumir os conflitos a fim de construir a paz. Creio que seria muitíssimo importante, após Aparecida, trabalhar nas comunidades cristãs católicas a fé em Deus Amor, incluindo nesta fé e neste amor todos os dramas causados pelo desamor no cotidiano da vida das pessoas e comunidades. Só assim o evangelho poderia apresentar intacto o Evangelho como Boa Notícia, sem concessões ou reducionismos.

Brasil em Foco

“O impacto sobre o setor calçadista continuará sendo negativo”

ENTREVISTA COM ACHYLES BARCELOS DA COSTA

Manter os empregos do setor calçadista, explica o economista e Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa, “é uma medida de alcance social, mormente em um país que tem apresentado nos últimos anos escassas oportunidades de ocupação”. Para aliviar a crise que se estende no Vale do Sinos, enfatiza o professor, é necessário adotar “algum mecanismo que reduza diretamente os custos de produção”. Uma das alternativas apontadas pelo economista é a competitividade com os asiáticos, que segundo ele, ocorrerá a partir do momento em que os brasileiros produzirem “calçados de marca, de maior valor agregado, atendendo pedidos em lotes menores e mais freqüentes”. O site do IHU, www.unisinos.br/ihu, vem dando ampla repercussão à crise calçadista brasileira. Confira, em especial, as entrevistas realizadas pela IHU On-Line: A crise do setor calçadista vista a partir dos trabalhadores demitidos, publicada em 20-04-2007, e Crise no setor calçadista brasileiro, com Ênio Erni Klein, publicada em 12-04-2007.

Achyles Barcelos da Costa é graduado e mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Economia da Indústria e da Tecnologia, atualmente é professor da Unisinos. De seus trabalhos acadêmicos, destacamos a dissertação de mestrado, intitulada A concentração econômica da indústria de calçados do Vale do Sinos, e a tese de doutorado, Modernização e competitividade da indústria de calçados brasileira. É de sua autoria a edição 47 dos Cadernos IHU Idéias, intitulada O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter. Confira, a seguir, a entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail:

IHU On-Line - De acordo com o vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Milton Cardoso, em janeiro as entradas de calçados vindos da China cresceram 11%, em fevereiro 34% e em março 76%, em relação ao mesmo período do ano passado (www.sinos.net). O Vale ainda tem condições de competir com os chineses? Como o

senhor avalia esse momento? O que será necessário para poder competir com os orientais?

Achyles Barcelos da Costa - Para entender as dificuldades enfrentadas pelas empresas calçadistas brasileiras frente aos concorrentes asiáticos, é importante identificar o principal atributo vinculado ao calçado sob o qual competimos. Embora o calçado não

seja uma *commodity* (ou seja, não é um produto homogêneo), no segmento de mercado no qual nos especializamos no exterior - calçado feminino de couro de baixo-médio preço -, os custos de produção são fatores determinantes de competitividade. E, sendo um setor intensivo em trabalho direto, os custos com mão-de-obra são significativos na composição do preço final do calçado. Afora as disparidades de jornadas de trabalho e de encargos trabalhistas, os salários entre países asiáticos produtores de calçados oscilam entre US\$100 a US\$150 mensais por trabalhador (Vietnã, China, entre outros), contrastando com o equivalente a US\$300 do trabalhador do Vale do Sinos. Como se sabe, há uma taxa de câmbio de R\$2,00 por dólar americano. Esse salário equivale a R\$600,00 mensais, o que não é muito elevado. Contudo, temos que procurar preservar a atividade e os empregos. Nessa questão, há que se observar a dimensão social da competitividade. Esse é um setor no qual milhares de trabalhadores (cerca de 300 mil no Brasil e 130 mil no Rio Grande do Sul) baseiam a produção de sua vida material. Manter esses empregos é uma medida de alcance social, mormente em um país que tem apresentado, nos últimos anos, escassas oportunidades de ocupação. Adotar algum mecanismo que reduza diretamente os custos de produção - como a que está discutindo de desoneração da folha de pagamentos - pode ser uma medida que mitigue a situação. Entretanto, a mais longo prazo, o setor deverá procurar competir em outros atributos nos quais os asiáticos ainda não possuem capacitação ou não estão interessados. Os produtores brasileiros devem procurar produzir calçados de marca, de maior valor agregado, atendendo pedidos em lotes menores e mais freqüentes, e vender direto a importadores e a consumidores finais. A flexibilidade produtiva nos dá um diferencial competitivo, dado que os asiáticos produzem em escala, o que dificulta o atendimento de pequenos pedidos.

IHU On-Line - O senhor acha que além das altas taxas de juros, a valorização do real e a concorrência com a China, outro fator que tem levado muitas empresas de calçados a encerrar as atividades, por exemplo, pode ser o fato dos empresários não quererem trabalhar com lucro baixo?

Achyles Barcelos da Costa - Não se pode atribuir o fechamento de empresas de calçados à idéia de que a taxa de lucro do setor é baixa. Sair da atividade não é algo fácil. Os equipamentos e máquinas utilizados guardam certa especificidade ao setor, sendo difícil empregá-los em outro ramo produtivo. Mesmo havendo um mercado de máquinas usadas, há perdas por desvalorização desses ativos. É mais provável que empresas relutem em abandonar a atividade, indo até o limite no suporte aos prejuízos. O câmbio valorizado e a presença de produtores asiáticos com custos absolutos inferiores aos nossos são os principais responsáveis pelas dificuldades do setor.

IHU On-Line - A culpa da crise é apenas do governo, como alegam os empresário, ou eles também contribuem com uma parcela?

Achyles Barcelos da Costa - Sobre essa questão, há que se diferenciar eficiência empresarial e competitividade sistêmica. Às vezes, são feitas avaliações equivocadas - com base em confusões conceituais - de que a crise do setor deve-se a ineficiências empresariais. Com base nessa idéia, questionam-se medidas protecionistas, como a que foi estabelecida mediante elevação de alíquotas de importação de 20% para 35% aos calçados importados pelo Brasil, ou de que o setor apresenta limitações empresariais para trabalhar com esse nível cambial. Ora, apenas pra efeito de raciocínio, o trabalhador-sapateiro do Vale do Sinos pode estar produzindo fisicamente, em média, o mesmo número de pares de calçados que um colega seu asiático. Suponha-se, ainda, que o preço em

dólares desses calçados seja o mesmo tanto para o Brasil quanto para um concorrente asiático: por exemplo, US\$ 10 o par. A uma taxa de câmbio de R\$2,00 por US\$1.00, o produtor brasileiro recebe R\$20,00 pelo seu par de sapatos, o equivalente ocorrendo com o produtor asiático em sua moeda. Suponha-se, agora, que ocorra uma apreciação da moeda brasileira, de tal maneira que o R\$1,00 seja igual a US\$1.00, e, mais ainda, que o câmbio no país asiático não tenha se alterado. Nessa nova situação, o produtor brasileiro receberá apenas R\$10,00 pelo mesmo par de sapatos que antes era vendido por R\$20,00. E não aconteceu nada com a produtividade do trabalhador na empresa calçadista brasileira, bem como não se alteraram os seus custos com insumos e mão-de-obra. Como agora acusá-la de ineficiente? Nesse momento, um dos determinantes da crise do setor é decorrente da política monetária do governo, de juros elevados que acarreta a apreciação cambial.

IHU On-Line - Em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 06-06-2007, o professor de economia da UFRJ, Carlos Lessa, comentou que o principal problema da pequena e média empresa é, exatamente, não ser grande. Pensando no contexto do Vale do Sinos, muitas empresas, embora tradicionais, apresentam esse porte (pequena e média). Podemos dizer que esse é um fator que contribui para eliminá-las do mercado? Como as empresas podem, através de alternativas, se manter no mercado?

Achyles Barcelos da Costa - De fato, a pequena empresa, em função de seu porte, apresenta limitações associadas à capacidade de financiamento, acesso à tecnologia e a mercados etc. Mas as empresas podem contornar essas restrições, inserindo-se em arranjos produtivos locais, como é o caso aqui no Vale do Sinos. A proximidade geográfica com outros estabelecimentos do setor, com ramos auxiliares e com instituições de apoio, lhes proporcionam ganhos econômicos que isoladamente

não poderiam obter. O tempo de sobrevivência dessas empresas no mercado é maior quando inseridas em *clusters* do que em atuação isolada. O fechamento dessas empresas por questões de mercado e gerenciais é recorrente nesse e em outros setores.

IHU On-Line - Quais são as principais conseqüências da crise calçadista para o Vale do Sinos? Ela já alcançou seu ápice?

Achyles Barcelos da Costa - A persistir a apreciação cambial, o impacto sobre o setor continuará sendo negativo em termos de emprego e renda. A desaceleração do volume de calçados exportados repercutirá em queda do emprego e desativação de linhas de produção e de empresas. Como a taxa de câmbio é uma variável importante para a competitividade do setor, somente se esse valor do câmbio (cerca de R\$1,95 por US\$1.00) tivesse atingido o seu limite mínimo (não caindo ainda mais), poder-se-ia considerar a crise como tendo alcançado o seu ápice. Mas dado que o câmbio pode ainda se apreciar, mantida a política do governo de juros altos, os seus efeitos negativos podem ainda se expandir. É urgente, então, que se adotem medidas que estanquem a valorização do câmbio.

IHU On-Line - No início da semana, a governadora Yeda Crusius anunciou que irá buscar ajuda para o setor calçadista, junto ao Governo Federal. Ela disse que irá fazer tudo que estiver ao alcance do Estado, para apoiar as empresas da região. O Governo do Estado está se mobilizando tarde demais?

Achyles Barcelos da Costa - Pode ser, pois a trajetória do câmbio já prenunciava há algum tempo esse quadro de dificuldades para o setor. Mas também essa postura pode se dever a alguma crença de que o tal de mercado é o melhor árbitro para o problema. Na área do câmbio e das condições competitivas de concorrentes asiáticos, o

Estado gaúcho não tem muita influência, pelo menos diretamente. No âmbito de sua área de competência, as medidas estariam vinculadas à política tributária estadual - ressarcimento de créditos e redução de impostos para os produtos do setor - e no desenvolvimento de ações que ajudassem o setor em realizar um ajuste em direção a novos atributos de competitividade.

***IHU On-Line* - Nessa terça-feira, 12-06-2007, o Governo Federal anunciou o financiamento de R\$ 3 bilhões para ajudar as empresas afetadas pela baixa do dólar. Esses empréstimos vão ajudar as empresas de maneira positiva, ou podem gerar “uma bola de neve” ainda maior para os empresários?**

Achyles Barcelos da Costa - Todas as iniciativas que venham mitigar as dificuldades enfrentadas pelo setor são positivas, e as que estão sendo propostas, apontam nessa direção. Contudo, há que se avaliar a profundidade do impacto dessas medidas. O financiamento mais barato, embora importante, repercutiria significativamente se o custo do financiamento da

produção fosse o fator relevante nos custos totais e no acesso à produção. Essa não parece ser a reivindicação principal do setor. Igualmente, o financiamento mais barato pode ser dirigido para a modernização produtiva. Mas isto também para o setor - assim também como o de móveis - não se constitui em problema. A questão central é que falta demanda pelos calçados porque os importadores não estão dispostos a pagar um preço mais elevado pelo produto. Não tendo como compensar a perda de receita pelo câmbio através de aumento de preços em dólares, as empresas calçadistas enfrentam dificuldades em cobrir os custos de produção, deixando, então, de atender os pedidos e desempregando. O ponto para os exportadores de calçados é o câmbio vigente. Empresário algum tomará empréstimo para investimento se não houver um mínimo de expectativas em relação à existência de demanda pelo seu produto. Caso contrário, o empréstimo não teria como ser ressarcido, aumentando apenas o endividamento das empresas.

Memória

Rorty – poeta, filósofo e amigo

POR JÜRGEN HABERMAS

Publicamos, a seguir, o texto Rorty - poeta, filósofo e amigo, de autoria de Jürgen Habermas, veiculado em 11-06-2007 no Süddeutsche Zeitung, e traduzido para o português por Paulo Ghiraldelli Jr. Confira, ainda, nesta edição, a entrevista exclusiva que Ghiraldelli concedeu por e-mail à IHU On-Line, sob o título “O amor pela democracia é o legado de Rorty”.

Eu recebi a notícia [da doença de Rorty] em um e-mail, quase há um ano. Tão freqüente quanto nos anos recentes, Rorty bradava contra a “Guerra do Presidente Bush”, cuja política agredia profundamente a ele, o patriota que havia sempre busca “realizar” seu país. Após três ou quatro parágrafos de análise sarcástica, veio a sentença inesperada: “Ai de mim, eu estou com a mesma doença que matou Derrida”. Como que para atenuar o choque, ele acrescentou uma brincadeira, a de que sua filha sentia que ele havia contraído o câncer por “ter lido muito Heidegger”.

Três décadas e meia atrás, Richard Rorty despreendeu-se do espartilho de uma profissão cujas convenções haviam se tornado muito estreitas - não para evitar a disciplina do pensamento analítico, mas para tomar a filosofia por caminhos jamais trilhados. Rorty tinha mestria no comando do trabalho artesanal de nossa profissão. Em duelos com os melhores de seus pares, com Donald Davidson, Hilary Putnam ou Daniel Dennett, ele era uma fonte constante de argumentos sutis, mas sofisticados. Mas nunca esquecia que a filosofia - acima e além de seus colegas - não deve ignorar os problemas postos pela vida como nós a vivemos.

Entre os filósofos contemporâneos, não sei de nenhum que tenha igualado Rorty no confronto com seus colegas - e não somente em relação a eles - ao longo de décadas, sempre com novas perspectivas, novos *insights* e novas formulações. Essa imponente criatividade era própria do espírito romântico do poeta, que não mais se escondia de si mesmo atrás do filósofo acadêmico. E isso era graças à sua habilidade retórica inesquecível e de sua prosa impecável, própria de um escritor que sempre estava pronto para chocar seus leitores com

estratégias não costumeiras de representação, conceitos antagônicos inesperados e novos vocabulários - um dos termos favoritos de Rorty. O talento de Rorty como um ensaísta estendia-se de Fridrich Schlegel ao Surrealismo.

A ironia e a paixão, o tom polêmico e divertido de um intelectual que revolucionou nossos modos de pensar e influenciou pessoas através do mundo indicava um temperamento robusto. Mas essa impressão não faz justiça à natureza gentil de um homem que freqüentemente surpreendido e resguardado - e sempre muito sensível aos outros.

Um pequeno artigo autobiográfico de Rorty tem o título de “Trotsky e as orquídeas selvagens”²⁷. Nele, Rorty descreve como sua juventude decorreu ao noroeste de New Jersey, e como respirou o maravilhoso odor das orquídeas. Ao mesmo tempo, descobriu um livro fascinante na casa de seus pais esquerdistas, que defendia Trotsky contra Stalin. Esta foi a origem da visão do jovem Rorty no College: a filosofia serve para reconciliar a beleza celestial das orquídeas com o sonho de Trotsky de justiça na Terra. Nada era sagrado para Rorty, o ironista. Perguntado, no fim de sua vida, sobre o “sagrado”, o completo ateu respondeu com palavras tiradas do jovem Hegel: “meu sentido do sagrado está atado à esperança de que algum dia meus remotos descendentes vivam em uma civilização global em que o amor será a única lei”.

²⁷ Traduzi este artigo e ele está, entre outros, no livro de **Rorty: Pragmatismo e política** (São Paulo: Martins, 2006). (Nota do tradutor, Paulo Ghiraldelli Jr.)

Entrevista da Semana

“O amor pela democracia é o legado de Rorty”

ENTREVISTA COM PAULO GHIRALDELLI JR.

Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line, o filósofo brasileiro Paulo Ghiraldelli Jr., amigo e companheiro intelectual de Richard Rorty (1931-2007), avalia o legado filosófico do filósofo pragmatista norte-americano recém-falecido e provoca: “Um filósofo que influencia decisivamente Habermas não é um filósofo fantástico?”. Filósofo ou anti-filósofo, Rorty “tinha pavor dos filósofos que ficavam repetindo outros, citando e citando, sem nunca criarem nada. Tinha também pavor dos que achavam que poderiam encontrar a Realidade Como Ela É”. Ghiraldelli conta que o grande legado rortiano é o amor pela democracia.

Ghiraldelli vive única e exclusivamente do que escreve e escreveu como filósofo, segundo suas próprias palavras: “Deixei de ser professor e empregado de alguma instituição no país exatamente para poder ser filósofo. As duas coisas juntas, percebi, eram incompatíveis. (...) Após 31 anos no magistério, tive a certeza que um filósofo não poderia ser honesto consigo mesmo no ensino universitário brasileiro”. É mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). cursou doutorado em Educação pela PUCSP e em Filosofia pela USP com a tese Neopragmatismo e Verdade: Rorty em conversação com Davidson e Habermas. Tem pós-doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e livre-docência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). É autor de inúmeros livros, dos quais citamos Neopragmatismo, escola de Frankfurt e marxismo (Rio de Janeiro: DPA, 2001); Richard Rorty: Philosophy, Pedagogy and Politics (New York: Rowman and Littlefields, 2001), junto com Michael Peters; Richard Rorty - a filosofia do Novo Mundo em busca de mundos novos (Petrópolis: Vozes, 2001) e Ensaios pragmatistas sobre subjetividade e verdade (Rio de Janeiro: DPA, 2006). Confira em seu site www.ghiraldelli.pro.br a lista completa de suas publicações. Na edição 149, de 01-08-2005, na editoria Livro da Semana, publicamos o artigo Pragmatismo samaritano a respeito da obra The future of religion (New York: Columbia University Press, 2005), de autoria de Rorty, Santiago Zabala e Gianni Vattimo. Sobre Rorty, confira ainda a editoria Memória, publicada na edição 223 da IHU On-Line, de 11-06-2007.

IHU On-Line - Como foi sua convivência com Rorty?**Como era o ser humano Rorty?**

Paulo Ghiraldelli Jr. - Habermas²⁸ fez um obituário que me toca muito, sobre Rorty. Eu o traduzi e está no **Portal Brasileiro da Filosofia** (www.filosofia.pro.br). Neste obituário, o que ele diz é exato: Rorty tinha um temperamento robusto, ou seja, alguém um tanto introspectivo, quieto, “na dele”. Mas quando se tratava de escrever ou de ficar sensibilizado com as pessoas, ele não se poupava. Era mesmo dessa forma. Rorty foi aquilo que ele próprio disse de Dewey²⁹: não só bom filósofo, mas bom pai, bom marido, bom cidadão, excelente amigo, divino professor e filósofo.

IHU On-Line - Quais são as principais inquietações intelectuais que vocês compartilharam?

Paulo Ghiraldelli Jr. - Viemos de mundos filosóficos distintos, e nos encontramos em um mesmo lugar. Eu vim do marxismo e da Escola de Frankfurt³⁰. Rorty, apesar de

²⁸ **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias do dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **John Dewey** (1859-1952): filósofo e pedagogo norte-americano. É reconhecido como um dos fundadores da escola filosófica de pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Escola de Frankfurt**: Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos

ter pais de esquerda, nunca foi marxista. Quando ele era jovem, o marxismo já estava em baixa em Nova Iorque e a esquerda americana mais decisiva em termos de participação política já havia se deslocado para o liberalismo social ou social democracia. Mas nossa preocupação filosófica era a mesma: havíamos lido Platão³¹ quando jovens, e passamos uma boa parte de nossas vidas querendo saber se tínhamos mesmo de encontrar algo no topo da linha dividida, se tínhamos mesmo de ver o Sol na saída da caverna. É claro que chegamos mais ou menos juntos, por vias diferentes, a uma resposta parecida, que foi a adoção de uma filosofia não fundacionista, um discurso filosófico que procura dar importância para a atividade de redescoberta - talvez a única coisa que a filosofia possa realmente fazer. Nesse sentido, chegamos juntos à negação não de Platão, mas do platonismo tradicional.

Quando conheci Rorty, ele estava terminando sua chegada a este ponto, ou seja, finalizando sua concepção de filosofia, e começava, então, a tornar-se um dissidente convicto da filosofia tradicional. Eu, a partir daí, passei a me informar em filosofia analítica (uma vez que tinha vindo da filosofia continental), e comecei a reler o pragmatismo. Rorty foi uma fonte de inspiração e motivação. Ao final, cheguei a uma posição um pouco diferente da dele. Rorty nunca achou que os frankfurtianos poderiam ser conciliados com o pragmatismo para além do que Habermas já havia feito. Eu não. Eu achava e acho que Adorno³² e Horkheimer³³

como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979) e Franz Neumann, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e *o Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

³² **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das

têm mais a ver com o ironismo de Rorty do que ele próprio admitia, e que Habermas se parece mais com Dewey, e menos com Rorty, a não ser nas posições políticas em favor da social-democracia. Foi isso que tentei mostrar em livro publicado com ele, no ano passado, o *Ensaio pragmatistas sobre subjetividade e verdade* (Rio de Janeiro: DPA, 2006).

IHU On-Line - Que idéias destacaria como mais importantes de seu legado filosófico?

Paulo Ghiraldelli Jr. - O legado de Rorty, que ele gostaria que ficasse, é o de vermos a filosofia como agregada à imaginação. Rorty tinha pavor dos filósofos que ficavam repetindo outros, citando e citando, sem nunca criarem nada. Tinha também pavor dos que achavam que poderiam encontrar a Realidade Como Ela É. Pois isso, principalmente nos Estados Unidos (e no Brasil de hoje, que em vez de importar dos americanos a democracia, resolveu importar as religiões), é um problema não só filosófico, mas político. Os fundacionistas na filosofia não raro fortalecem visões que, no senso comum, são as dos fundamentalistas. Pois quem vê a Realidade diz a Verdade, e quem diz a Verdade acaba não interessado em escutar verdades, isto é, a opinião dos outros. Então, a experiência histórica da democracia corre perigo. Por isso, Rorty sentia um profundo tédio quando ouvia os que falavam em Verdade e Realidade. Ele sabia que o que viria não levaria para bom caminho. O amor pela democracia é o legado de Rorty - foi ele quem insistiu que não era a filosofia que

últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da *IHU On-Line*)

³³ **Max Horkheimer** (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da *IHU On-Line*)

dava bases para a democracia, e sim esta que proporcionava a todos poderem filosofar.

IHU On-Line - Como percebe a influência desse pensador na Filosofia contemporânea?

Paulo Ghiraldelli Jr. - Os filósofos tradicionais, já faz algum tempo, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, têm procurado apagar a influência de Donald Davidson³⁴ e Richard Rorty. Davidson é um perigo para eles, pois ele mostra que podemos fazer filosofia descrevendo ações e falas, de modo técnico, sem sair da filosofia analítica e, no entanto, sem sermos fundacionistas. Isso deixa os neocarnapianos³⁵ e os atuais pesquisadores das ciências cognitivas (fora Dennett³⁶, talvez) e afins, que reaparecem em cena (de Searle³⁷ a Chomsky³⁸), muito bravos, furiosos mesmo. No fundo, esse pessoal tem medo que a filosofia deixe de ser uma profissão, e eles percam seu público e seus empregos. Mas os melhores filósofos do mundo, contrariamente, mesmo mais velhos que Rorty, mudaram suas trajetórias e vieram a aprender com Rorty e Davidson. Habermas é o caso mais fantástico de tal mudança. Inclusive, isso

³⁴ **Donald Davidson** (1917-2003): filósofo norte-americano, especialista em filosofia da mente e da linguagem. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **Rudolf Carnap** (1891-1970): filósofo alemão que trabalhou na Europa Central antes de 1935 e nos Estados Unidos após esse período. Foi um dos principais membros do Círculo de Viena e um eminente defensor do positivismo lógico. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **Daniel Clement Dennett** (1942): filósofo norte-americano cujas pesquisas estão direcionadas à filosofia da mente e da biologia. Sobre ele, confira a matéria As 6 questões que mobilizam as grandes mentes, publicada pelo site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 08-01-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **John Rogers Searle** (1932): filósofo norte-americano, especialista em filosofia da linguagem e da mente. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Noam Chomsky**: crítico de mídia norte-americano que estuda as relações da mídia e poder. É professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, em inglês). Escreveu, entre outros, *Contendo a democracia* (Rio de Janeiro: Record, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

ajudou Habermas a mudar sua visão sobre os franceses, sobre Derrida³⁹, Foucault⁴⁰ e outros. Ora, um filósofo que influencia decisivamente Habermas não é um filósofo fantástico?

IHU On-Line - E quais são suas maiores críticas à Filosofia? Qual seu ponto de vista sobre a afirmação de que Rorty é um anti-filósofo?

Paulo Ghiraldelli Jr. - Rorty acredita que a Filosofia é o platonismo. Podemos ter várias formas de platonismo, mas, enfim, todas elas desembocam nos dualismos tradicionais que caracterizam a metafísica: realidade e aparência, matéria e espírito, corpo e mente, sujeito e objeto etc. Quando Rorty abandonou o platonismo, ele começou a abandonar a Filosofia. E, nesse sentido, ele é, de fato, anti-filósofo. Agora, como na filosofia

³⁹ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973); *L'Ethique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998) e *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004. (Nota da IHU On-Line)

⁴⁰ Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *História da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault. (Nota da IHU On-Line)

contemporânea há uma série de outras tendências que se dizem filosóficas e negam o platonismo, podemos também pensar o pragmatismo de Rorty como filosofia.

IHU On-Line - A ironia é um traço característico do pensamento de Rorty. Como esse elemento socrático pode ajudar a analisar o comportamento político das sociedades pós-modernas?

Paulo Ghiraldelli Jr. - A ironia de Rorty não é a de Sócrates⁴¹. Sócrates (Platão), como Gregory Vlastos⁴² nos ensinou, foi alguém que praticamente inaugurou na língua grega o uso da ironia como nós a conhecemos hoje. Você fala algo com o sentido oposto do que realmente quer afirmar - essa é a ironia clássica. Antes de Sócrates, diz Vlastos, não se conhecia isso entre os gregos. E aí a conversa flui entre os *scholars* socráticos, que discutem se a ironia era um artifício didático ou não.

No caso de Rorty, a ironia é uma postura exclusiva em relação a um determinado problema de articulação entre filosofia e política. Ou seja, Rorty criou a figura do liberal ironista. Ele assim fez para mostrar que é possível ser liberal, gostar da democracia liberal e, no entanto, não ter nada na filosofia que possa, além de um discurso *ad hoc* que só a justifica, fundamentá-la. Algumas pessoas viram essa figura do liberal ironista como sendo um retrato do homem pós-moderno.

IHU On-Line - No caso brasileiro, de que forma a crítica de Rorty à política pode contribuir para uma revitalização da participação do sujeito?

Paulo Ghiraldelli Jr. - No caso do sujeito, tomado no sentido tradicional, acho que não há mais espaço para tal. É claro que sempre vai existir professor de filosofia,

⁴¹ Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da IHU On-Line)

⁴² Gregory Vlastos (1907-1991): filósofo nascido em Istambul, especialista em filosofia grega. (Nota da IHU On-Line)

e esses vão falar em sujeito e coisa e tal. Mas a filosofia viva, esta não vai mais trabalhar com tal figura, não. É mais fácil que ela comece a falar em agente, como Davidson faz. E na política, mais ainda: somos agentes e atores, pois temos de ter, e temos mesmo, múltiplas faces e racionalidades. A figura do sujeito não permitia muito isso, não é verdade? Agentes podem combinar mais com a riqueza de personalidade que é necessária para a política que faz guerra semântica, em favor de direitos, hoje em dia. Não cabe mais falar em sujeito na política - e por isso o marxismo, com o tal "sujeito da história" (que era o Capital e deveria ser o homem, através do proletariado), caiu em desuso. Hoje, para cada demanda política, forja-se um agente segundo aquela demanda, que não raro é conjuntural. As velhas lições de Foucault, aqui, não foram desmentidas por Rorty.

***IHU On-Line* - Qual é a relação entre neopragmatismo e verdade no pensamento de Rorty, Davidson e Habermas?**

Paulo Ghiraldelli Jr. - Habermas insiste que a verdade é um adjetivo de enunciados, como Rorty e Davidson, mas, diferente desses, ele diz que verdade e justificação diferem. Pois, para Habermas, dizer que um enunciado está bem justificado não é a mesma coisa que dizer que ele é verdadeiro. Rorty entende que, no plano retórico, dizer que um enunciado é bem justificado e dizer que ele é verdadeiro é diferente, mas, no frígido do ovos, como que se faz tal avaliação? Ele insiste que o enunciado que ganhou o adjetivo "verdadeiro" o ganhou por ter sido "bem justificado", e nada além disso. Então, a diferença radical entre bem justificado e verdadeiro não se sustenta, para Rorty. Agora, Davidson entende as coisas de maneira um pouco diferente. Para Davidson, todas as definições de verdade têm o seu lugar na filosofia. Mas, quando queremos definir verdade, nenhuma delas pode requisitar para si exclusividade, pois a verdade seria um conceito primitivo (como a noção de ponto em geometria

euclidiana), que não tem definição. Ou seja, verdade não é cabível dentro de uma frase que diga que ela é assim e assado e pronto.

***IHU On-Line* - Em que aspectos Nietzsche e Rorty compartilham de uma postura pragmático-deflacionista?**

Paulo Ghiraldelli Jr. - Nietzsche⁴³ e Rorty são filósofos que nunca quiseram saber de investigar a "natureza da verdade". Nesse sentido, ambos tomaram a noção de verdade como o que se pode encontrar nos usos da palavra verdadeiro. E ambos fizeram descrições desses usos. Nietzsche viu a palavra "verdadeiro" sendo usada em um sentido de agrupamento metafórico. Rorty viu a palavra verdadeiro em três sentidos, de aprovação, de advertência e de bem justificado. Sobre isso, escrevi vários artigos e livros. Acho que no meu ***Richard Rorty*** (Petrópolis: Vozes, 1999), há um pouco disso. Mais recentemente, em ***Filosofia da Educação*** (São Paulo: Ática, 2006), eu repeti e acrescentei mais coisas.

***IHU On-Line* - Poderia explicar a afirmação, contida no artigo "Rorty, Nietzsche e a democracia", de que, para Rorty, "a denúncia do "conforto metafísico" é apenas uma forma de elogiar a contingência"? Em que**

⁴³ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O Anticristo* (Lisboa: Guimaraes, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada **Nietzsche e Paulo**. A edição 15 do **Cadernos IHU Em Formação** é intitulada **O pensamento de Friedrich Nietzsche**. (Nota da *IHU On-Line*)

sentido essa "contingência é o elemento próprio à experiência democrática"?

Paulo Ghiraldelli Jr. - Conforto metafísico é aquilo que esperamos ter se somos fundacionistas. Ou seja, achamos que a filosofia vai nos dar o caminho para tocarmos o inefável. Quando denunciarmos isso, dizendo que isso pode ser uma esperança vã, estamos fazendo o elogio de um mundo onde não impera qualquer estabilidade, onde tudo é contingente, onde tudo está no tempo e no espaço e vai perecer, ou seja, nada é o inefável, que

escapa do perecimento. Isso é um ponto da democracia. O democrata sabe que a democracia é não o consenso eterno, mas o refazer dos consensos, pois, a cada vitória da maioria, é necessário refazer os consensos para se garantir direitos de expressão e vida das minorias, caso se deseje continuar a viver na democracia. A democracia, então, é um regime social contraditório: ela não pode ser feita à força, mas apenas pelo consenso racional. Caso contrário, ela se nega em seu nascimento.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 11-06-2007 A 17-06-2007

Mudança climática. 'O homem não pode retardar um sistema natural'

Gustavo Macedo de Mello Baptista

Confira nas *Notícias do Dia* 11-06-2007

O doutor em Geologia Gustavo Macedo de Mello Baptista tem uma visão diferente das conseqüências das mudanças climáticas. Segundo ele, o aquecimento global está associado à dinâmica natural do planeta e não à participação humana.

5º Congresso do MST. Perspectivas e rumos

Vanderlei Martini

Confira nas *Notícias do Dia* 12-06-2007

No período de 11 a 15 de junho, foi realizado o 5º Congresso Nacional do Movimento Sem Terra, em Brasília. Um dos porta-vozes do movimento, Vanderlei

Martini, fala sobre a trajetória do MST, sobre a Via Campesina, sobre a relação desses movimentos e da luta pela terra com o governo Lula e o PT e aborda os principais temas tratados no Congresso.

Grêmio na Final da Libertadores. Inter com a tríplice coroa. Uma reflexão sobre o futebol gaúcho

Berenice Corsetti

Confira nas *Notícias do Dia* 13-06-2007

A professora da Unisinos Berenice Corsetti, uma das sete mulheres que fazem parte do Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional, fala da sua emoção como colorada e salienta o grande resultado do Grêmio na Libertadores da América. Ela ainda aborda a representatividade do futebol gaúcho no contexto brasileiro, as torcidas organizadas, e fala de como a

religião é utilizada pelos torcedores, além da importância de figuras de fora do Estado dentro do Grêmio. Além de tudo, faz uma reflexão sobre a cobertura radiofônica sobre o esporte.

Esquizofrenia social: 'loucura que assola a humanidade'

Elza Pádua

Confira nas *Notícias do Dia* 14-06-2007

A esquizofrenia social foi o tema de pesquisa da doutora em Psicologia Social Elza Pádua. Ela fala sobre o desenvolvimento da pesquisa, tendo sido a primeira pessoa no Brasil a utilizar o conceito de “esquizofrenia social”, estudando, ao mesmo tempo, a criação de um novo “eu” dentro da pós-modernidade.

PSOL: reflexões e progressos depois do I Congresso Nacional do partido

Chico Alencar

Confira nas *Notícias do Dia* 15-06-2007

O deputado Chico Alencar (PSOL) discute as decisões e planos debatidos no I Congresso Nacional do partido, realizado no mês passado, no qual foram decididos objetivos estratégicos e táticos, a política de alianças e as metas eleitorais.

Um novo jeito de fazer a educação

Ana Inês Souza

Confira nas *Notícias do Dia* 16-06-2007

Paulo Freire não idealizou uma escola; ele experimentou um novo jeito de fazer educação”, afirma a mestre em educação e trabalho **Ana Inês Souza** à **IHU On-Line**. Ana fala de sua pesquisa sobre educação popular e os movimentos sociais, das lutas sociais através dos jovens e das escolas atuais.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS *NOTÍCIAS DO DIA* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Congresso do MST. Reforma agrária, por justiça e soberania popular

João Pedro Stédile

Confira nas *Notícias do Dia* 11-06-2007

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 11-06-2007, o integrante da direção nacional do MST e da Via Campesina fala sobre as causas do Movimento e sobre o seu 5º Congresso Nacional.

Saúde. 'O Brasil gasta metade do que a Argentina ou o Chile gastam. Mas não quero pedir um cheque em branco'.

José Gomes Temporão

Confira nas *Notícias do Dia* 11-06-2007

Em entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 11-06-2007, o médico, que também é o

ministro da Saúde deste segundo mandato do governo Lula, José Gomes Temporão, admite que para melhorar o sistema universal de saúde, o SUS, o Brasil precisa elevar os investimentos públicos para a casa dos 70% dos gastos totais do setor.

Depois da Reichert mais indústrias vão fechar

Heitor Klein

Confira nas *Notícias do Dia* 12-06-2007

Em entrevista à revista eletrônica *Terra Magazine*, de 11-06-2007, o diretor-executivo da Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados) Heitor Klein constata que outras grandes indústrias, além da Reichert Calçados, devem jogar a toalha por conta do câmbio desfavorável. É outra má notícia do setor calçadista.

'A prioridade é crescer de qualquer jeito'**Teresa Urban**Confira nas *Notícias do Dia* 12-06-2007

Para a jornalista e ambientalista Teresa Urban, chegamos ao século XXI numa situação curiosa: do ponto de vista internacional, nós somos reconhecidos e classificados como o País da megadiversidade, um dos campeões em termos de reserva de recursos naturais. Ao mesmo tempo, não temos uma cultura própria de olhar isso como uma riqueza. Ela fez essa afirmação em entrevista ao jornal *Gazeta Mercantil*, de 11-06-2007.

Falta mão-de-obra**José Pastore**Confira nas *Notícias do Dia* 12-06-2007

O professor José Pastore, da FEA-USP, escreveu um artigo polêmico publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 12-06-2007, em que constata que se o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) implementar os investimentos previstos - cerca de R\$ 500 bilhões -, a falta de mão-de-obra será brutal.

"Todas na direção correta e todas absolutamente insuficientes"**Carlos Cavalcanti**Confira nas *Notícias do dia* 13-06-2007

Para o diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), os problemas de competitividade da indústria brasileira não serão resolvidos com as medidas de compensação à valorização cambial.

Uma série de esparadrapos**Vinicius Torres Freire**Confira nas *Notícias do dia* 13-06-2007

Vinicius Torres Freire critica a iniciativa do governo federal, em relação ao pacote de auxiliar, através de financiamentos, os setores prejudicados pela taxa de

câmbio. Para Freire, a medida do governo mostra que o governo não tem política de longo prazo para impostos, juros, inovações e finanças privadas.

Gado de Renan é um dos mais valorizados do país**Fernando Rodrigues**Confira nas *Notícias do Dia* 13-06-2007

O jornalista Fernando Rodrigues, em artigo no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 13-06-2006, afirma que Renan Calheiros diz que o dinheiro que pagou à jornalista Mônica Veloso veio da alta lucratividade de R\$ 1,920 milhão que adquiriu nas fazendas alagoanas, onde o gado foi vendido por R\$ 59,40 a arroba, enquanto que em São Paulo foi comercializado por R\$ 57,20.

Aprovada divisão do Ibama. 'Vai gerar ineficiência e aumentar a burocracia'**Jonas Corrêa**Confira nas *Notícias do Dia* 13-06-2007

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 13-06-2007, o presidente da Associação Nacional dos Servidores do Ibama, Jonas Corrêa, diz que a divisão do instituto provocará caos na política ambiental do País. Ele ressaltou que, se isso ocorrer, a culpa será do governo e dos deputados que votaram a favor da divisão do Ibama.

Divisão do Ibama. 'Haverá mais foco e mais responsabilidade'**Roberto Smeraldi**Confira nas *Notícias do Dia* 13-06-2007

Ao ser entrevistado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 13-06-2007, o ambientalista e diretor da ONG Amigos da Terra Roberto Smeraldi diz que a divisão do Ibama aumentará a eficiência do órgão.

Sinais de esclerose econômica

Marcio Pochmann

Confira nas *Notícias do Dia* 14-06-2007

Marcio Pochmann, economista da Unicamp, em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 14-06-2007, diz que está ocorrendo um avanço simultâneo do padrão asiático de emprego da mão-de-obra. E destaca que o país não consegue abandonar o bloco de economias subdesenvolvidas, com PIB situado na 85ª posição do ranking mundial.

PIB: bom, medíocre, estável

Vinicius Torres Freire

Confira nas *Notícias do Dia* 14-06-2007

Mesmo que o País cresça, explica o jornalista Vinicius Torres Freire, sua estabilidade revela que está sendo difícil sair da mediocridade. O artigo foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 14-06-2007.

Bento XVI colhe o que João Paulo II plantou.

Jornalista analisa o documento final de Aparecida
Maria Inês Nassif

Confira nas *Notícias do Dia* 14-06-2007

Em artigo publicado no jornal *Valor*, do dia 14-06-2007, a jornalista Maria Inês Nassif diz que o documento da V Conferência, embora exponha preocupações com o meio ambiente, o neoliberalismo e a globalização, está longe de ser moderno.

Estamos superando 'vão de galinha'

Luiz Carlos Mendonça de Barros

Confira nas *Notícias do Dia* 15-06-2007

Para Luiz Carlos Mendonça de Barros, economista e ex-ministro do governo Fernando Henrique Cardoso, estamos vendo, pela primeira vez em muitos anos, um aumento do consumo interno.

'Ser moderno pode ser olhar para trás'

Washington Novaes

Confira nas *Notícias do Dia* 15-06-2007

O ambientalista e jornalista Washington Novaes diz que o futuro energético da humanidade está em grande parte na energia solar. E destaca essa forma de energia foi abandonada com a invasão do petróleo.

Enquetes do site do IHU

AS SEGUINTE ENQUETES ESTÃO NO AR NESTA SEMANA NO SÍTIO DO IHU, WWW.UNISINOS.BR/IHU:

'São um absurdo essas faculdades de jornalismo - de baixo teor acadêmico - e a obrigatoriedade do diploma de jornalista para se exercer a profissão'. A opinião é de Paulo Henrique Amorim, jornalista

Opção 1 - Concordo integralmente; Opção 2 - Concordo parcialmente; Opção 3 - Discordo integralmente; Opção 4 - Discordo parcialmente; Opção 5 - Não tenho opinião formada sobre o tema.

Quem será o campeão da Copa Libertadores?

Opção 1 - Grêmio; Opção 2 - Boca Juniors; Opção 3 - Tanto faz como fez.

A reforma política a ser debatida no Congresso Nacional prevê a adoção da lista pré-ordenada

Opção 1 - Concordo plenamente; Opção 2 - Concordo parcialmente; Opção 3 - Discordo radicalmente; Opção 4 - Discordo parcialmente; Opção 5 - Não tenho opinião formada sobre o tema.

'Se o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) de fato implementar os investimentos previstos - cerca de R\$ 500 bilhões -, a falta de mão-de-obra será brutal'. A opinião é de José Pastore, professor da USP

Opção 1 - Concordo plenamente; **Opção 2** - Concordo parcialmente; **Opção 3** - Discordo radicalmente; **Opção 4** - Discordo parcialmente; **Opção 5** - Não tenho opinião formada sobre o tema.

Proibir a venda e o consumo de bebida alcoólica, das 0h às 6h de sábados e domingos, em 10 municípios gaúchos com os mais altos índices de homicídios é a proposta da SSP do RS

Opção 1 - Concordo plenamente; **Opção 2** - Concordo parcialmente; **Opção 3** - Discordo radicalmente; **Opção 4** - Discordo parcialmente; **Opção 5** - Não tenho opinião formada sobre o tema.

Final da Libertadores da América

Opção 1 - Grêmio reverte o resultado no tempo normal de jogo e será o campeão; **Opção 2** - Grêmio leva a decisão para a prorrogação, ganha e será o campeão; **Opção 3** - Grêmio ganha nas penalidades máximas e será o campeão; **Opção 4** - Nenhuma acima, pois o Grêmio já foi longe demais. Boca será o campeão; **Opção 5** - Tanto faz como fez.

AS SEGUINTE ENQUETES DO SÍTIO DO IHU, WWW.UNISINOS.BR/IHU, JÁ FORAM ENCERRADAS. CONFIRA NO BLOG DO IHU OS COMENTÁRIOS A SEU RESPEITO:

Estudantes da Universidade de São Paulo (USP) ocupam há mais de um mês a reitoria da universidade em protesto contra os decretos assinados pelo governador José Serra. Está de acordo com essa forma de protesto?

- » **Concordo plenamente: 46.67 %**
- » **Concordo parcialmente: 20 %**
- » **Discordo radicalmente: 13.33 %**
- » **Discordo parcialmente: 20 %**
- » **Tanto faz como fez: 0 %**

A final da Libertadores será jogada pelos seguintes times

- » **Grêmio e Cúcuta: 40 %**
- » **Grêmio e Boca Júniers: 33.33 %**
- » **Santos e Boca Júniers: 20 %**
- » **Santos e Cúcuta: 6.67 %**

A crise calçadista que está ocorrendo na região do Vale dos Sinos atinge a sua vida de alguma maneira?

- » **Sim. Atualmente, dependo da indústria para sobreviver: 3.85 %**
- » **Não estou preocupado. Meu ramo de atividade é outro: 3.85 %**
- » **Não dependo desse setor, mas fico preocupado com o aumento do desemprego: 57.69 %**
- » **Sim. A crise está afetando todos os setores da região: 23.08 %**
- » **Fico muito preocupado. Já perdi as esperanças: 11.54 %**

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

Chávez

"O que mais me dói é a pobreza. E é o que fez de mim um rebelde" - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - *Valor*, 12-06-2007.

"Nenhum homem nesta terra é repúblico, nem zela e trata do bem comum, senão cada qual do bem particular". - **Frei Vicente do Salvador** no início do século XVII, citado por Fábio Konder Comparato, presidente da Comissão de Defesa da República e da Democracia do Conselho Federal da OAB - *Folha de S. Paulo*, 12-06-2007.

PT e DEM

"Alguma coisa está errada quando o PT passa a defender a mesma proposta que o DEM" - **Geraldo Magela**, deputado federal (PT-DF), sobre o fato de o partido adversário propor o voto em lista fechada na reforma política, posição sobre a qual os petistas devem fechar questão em encontro hoje - *Folha de S. Paulo*, 13-06-2007.

Renan

"O Brasil está perdendo um excelente ministro da Agricultura" - **Pedro Simon**, senador (PMDB-RS), sobre a alegada produtividade do gado nas fazendas de seu correligionário Renan Calheiros - *Folha de S. Paulo*, 14-06-2007.

Coveiro

"Ao saber que Sibá Machado (PT-AC) já foi coveiro, um senador ficou todo animado. Segundo ele, o presidente do Conselho de Ética poderá utilizar sua experiência para

enterrar a investigação contra Renan" - **Renata Lo Prete**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 14-06-2007.

Relaxa

"Relaxa e goza. Porque depois você esquece todos os transtornos" - **Marta Suplicy**, ministra do Turismo, comentando a crise nos aeroportos - *O Estado de S. Paulo*, 14-06-2007.

"Quero pedir desculpas aos turistas e a todos os brasileiros pela frase infeliz que proferi hoje, ao término de uma entrevista coletiva. Não tive por intenção desdenhar, muito menos minimizar os transtornos que estão sendo enfrentados pelos usuários do transporte aéreo" - **Marta Suplicy**, ministra do Turismo, em nota após a declaração acima - *O Estado de S. Paulo*, 14-06-2007.

"Um ministro de Estado não pode dizer isso nem por engano" - **Cláudio Candiota Filho**, presidente da Associação Nacional em Defesa dos Direitos dos Passageiros do Transporte Aéreo (Andep) comentando a declaração acima de Marta Suplicy - *O Estado de S. Paulo*, 14-06-2007.

"Marta Suplicy relaxou com a sua posição de ministra ou então quis fazer uma gozação com a paciência dos cidadãos que freqüentam os aeroportos brasileiros" - **Cezar Britto**, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) - *O Estado de S. Paulo*, 14-06-2007.

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 20-06-2007

A importância atual das concepções teórico-analíticas de Michal Kalecki

Prof. Dr. Carlos Águedo Paiva - FEE

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h

Dia 21-06-2007

Permacultura. Uma contribuição para a autosustentabilidade

Médico veterinário Eduardo José Diehl

IHU Idéias

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

Exibição dos filmes: *Anjos do Sol*, de Rudi Lageman¹, e *Adro da Candelária*, de Alexandre Guerreiro

Prof. Dr. Álvaro Filipe Oxley da Rocha - Unisinos

Cinema BR em Movimento

Auditório Central - 19h30min às 22h.

Dia 23-06-2007

Concorrência, mercado e estado - Filme: *Tucker - um homem e seu sonho*, de Francis Ford Coppola

Profa. Dra. Flavia Seligman e Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher - Unisinos

O Capitalismo Visto pelo Cinema

Sala 1G119 - IHU - 8h45min às 11h45min

¹ **Rudi Lageman**: diretor de filmes publicitários e cinema. Participou de mais de 20 filmes de longa-metragem como colaborador direto de diretores como Cacá Diegues, Ruy Guerra e Walter Salles. Em seu primeiro longa-metragem, *Anjos do sol*, trata a situação da prostituição e abuso sexual de crianças e adolescentes. Confira a entrevista com o cineasta no sítio do IHU, nas *Notícias do Dia* do dia 7-05-2007. (Nota da IHU On-Line)

“Para ampliar os lucros é preciso aumentar os salários”. O pensamento de Michal Kalecki

ENTREVISTA COM CARLOS ÁGUEDO PAIVA

Partindo dos estudos da Teoria da Dinâmica Econômica, do economista Michal Kalecki, o Prof. Dr. Carlos Águedo Paiva explica que para um setor econômico da sociedade ter sucesso, ele precisa estar ligado a outro. “O que Kalecki demonstra é que todos os setores estão imbricados”, enfatiza. Para obter lucros, ressalta o professor, a partir da teoria do economista polonês, é necessário aumentar o salário, uma vez que não há lucro se não houver demanda. Na teoria de Kalecki, não há conflitos entre salários e lucros e tão pouco entre setores. “Para ele, só existe crescimento quando todos os setores crescem”, esclarece o economista.

Carlos Águedo Paiva é graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas, atualmente é pesquisador da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e professor da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Confira a entrevista concedida à IHU On-Line, na semana passada, por telefone.

IHU On-Line - Especialistas dizem que o modelo kaleckiano representa um importante marco teórico, no sentido de introduzir uma revisão das macroeconomias clássica e neoclássica e na tentativa de explicar a dinâmica capitalista. Quais são as inovações que ele propôs?

Carlos Águedo Paiva - Quando Kalecki¹ começa a produzir, não há propriamente uma macroeconomia clássica. O que ele propõe é um desafio a um senso

¹ Michael Kalecki (1899-1970): economista polonês. Dedicou sua carreira ao estudo da constituição dos diferentes sistemas econômicos, publicando trabalhos sobre as economias capitalistas desenvolvidas, os países do chamado Terceiro Mundo, assim como as economias socialistas. (Nota da IHU On-Line)

comum que não estava formalizado. Um senso comum que está associado à idéia de que os mercados são auto-reguláveis e nós podemos, através das ações das firmas e dos indivíduos consumidores, chegar a um equilíbrio pleno, a extrair da ordem capitalista o máximo benefício possível. O que Kalecki propõe como primeira intervenção é uma reflexão sobre o bojo da crise de 1929. Ele tenta entender como é possível que exista uma crise que, simultaneamente, possibilita que máquinas, desempregados e terras fiquem ociosos. Todos os recursos produtivos estão ociosos, subutilizados. Isso ocorre porque não existe demanda para mobilizar esses recursos. A teoria

dele, então, é uma tentativa de explicar como é possível ocorrer uma situação que o pensamento clássico jamais produziu uma leitura. Ele pretendia, sem nenhuma teoria propriamente constituída, mostrar que isso seria o absurdo. Para ele, não é possível que possa existir recursos disponíveis e não exista demanda para utilização desses recursos. Analisando essa realidade dos anos 1930, Kalecki passa a produzir uma teoria sistemática, surgindo, então, um objeto chamado macroeconomia, que é a determinação da situação do mercado como um todo. Surge uma macroeconomia que tentará responder aos desafios colocado por Kalecki. Existia, até então, uma ausência de reflexão sobre a macroeconomia, a qual foi proposta por ele.

***IHU On-Line* - Nos estudos de Kalecki, pode-se constatar a influência de Marx, Tugan-Baranovski e Rosa Luxemburg. A partir desses autores, Kalecki criou a Teoria da Dinâmica Econômica em 1954. Quais são as principais idéias desses autores que ele utilizou para a criação da Teoria da Dinâmica Econômica?**

Carlos Águedo Paiva - Do Marx ele tirou uma contribuição muito importante, uma vez que esse pensador fez uma reflexão da macroeconomia. O que Marx anunciava é que, à medida que o capitalismo se desenvolve, passam a ocorrer problemas em seu sistema, por sua capacidade muito maior de produzir do que a capacidade de consumo da população. Isso porque esta fica desempregada e perde condições de compra, enquanto as máquinas alavancam a capacidade de produção das empresas. Marx foi o segundo a dizer que esse sistema de capitalismo deveria ter problemas crônicos de superprodução. Kalecki apropriou-se dos elementos de Marx e sistematizou essa idéia.

Tanto Rosa Luxemburg¹ quanto Tugan-Baranovski² também se utilizaram dos indicativos de Marx. Ambos trabalharam em perspectivas opostas daquilo que Marx deixou inacabado. Ao estudar esses dois autores, Kalecki percebe que ambos pegaram dimensões verdadeiras do pensamento de Marx, mas não perceberam a síntese de seus estudos. Assim, Kalecki faz a síntese dos pensamentos de Marx, Tugan-Baranovski e Rosa Luxemburg. Ao sintetizar as três idéias, ele demonstra em que circunstâncias o capitalismo pode ou não ter crises de superprodução.

***IHU On-Line* - Como, a partir da Teoria da Dinâmica Econômica, lucros e salários são determinados?**

Carlos Águedo Paiva - Quando o grau de monopólio é baixo, as empresas não tem muito poder de mercado. Nesse caso, elas são obrigadas a investir muito. Assim, a margem de lucro das firmas é baixo, e a taxa de salário real é mais elevado. Então, tudo está imbricado num mesmo processo. A dinâmica econômica do sistema é determinada pela margem de lucro e pela taxa de salário real.

***IHU On-Line* - Na teoria de Kalecki, o sucesso de um setor está ligado ao de outro?**

¹ **Rosa Luxemburg (1871-1919)**: Filósofa marxista e militante revolucionária polonesa. Foi assassinada em Berlim em janeiro de 1919, no decorrer da revolução alemã, permanece até hoje uma figura fascinante, tanto por suas idéias políticas quanto por sua coerência e integridade. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Tugan-Baranovski (1865-1919)**: Economista e historiador russo. Foi ministro de Finanças da Ucrânia (1917-1918). Frente aos populistas, afirmava que era possível o desenvolvimento do capitalismo na Rússia. Também criticou a teoria marxista do valor acrescentado. Em sua obra *As crises industriais na Inglaterra*, expôs sua teoria das crises, segundo a qual estas são provocadas pela desproporção entre inversão, economia e consumo. (Nota da *IHU On-Line*)

Carlos Águedo Paiva - Sim. O que Kalecki demonstra é que todos os setores estão imbricados. Para ampliar os lucros, segundo ele, precisa-se aumentar os salários, porque não vai haver lucro se não tiver demanda, e não vai haver demanda se não existir salário. Ao contrário do que usualmente se pensa, não existe conflito entre salários e lucros e tampouco entre setores. Os setores precisam conviver uns com os outros. O Kalecki é contrário à idéia de que o sistema capitalista é caracterizado pelo jogo de soma zero, isto é, para alguém ganhar, um tem que perder. Para ele, só existe crescimento quando todos os setores crescem.

IHU On-Line - Kalecki dizia que quanto maior o grau de monopólio, maior é o preço que uma indústria pode cobrar por sua mercadoria em relação ao custo de sua produção. Como o senhor avaliava o monopólio das empresas?

Carlos Águedo Paiva - Uma empresa pode estar sozinha no mercado, mas ela está exposta a vários concorrentes porque há uma capacidade de ingressos dos produtos vindos do exterior. Algumas economias, como a japonesa e a americana, têm um grau de monopólio formal aparente bastante elevado. Mas o grau de exposição dessas economias à concorrência externa é bastante grande. No caso brasileiro, o problema é um pouco maior, porque nós adotamos um padrão de industrialização em que o estado garantia e reforçava o grau de monopólio das empresas. Para atrair multinacionais, montadoras de automóveis, o Brasil se comprometia a erguer barreiras alfandegárias pesadas e dar para as empresas um conjunto de benefícios que tornava o

monopólio delas inquestionável. Então, o grau de monopólio no Brasil, hoje, é muito maior do que a média.

Nós vivemos no Rio Grande do Sul, por exemplo, como em qualquer lugar. Para nos desenvolvermos, precisamos atrair as empresas; para atrair as empresas, precisamos dar benefícios. Se atrair uma empresa como a Brahma, com grandes benefícios fiscais, as empresas que produzem cerveja na região e não têm os benefícios não conseguem ter o mesmo lucro. Então, elas acabam tendo problemas de sobrevivência e vão à falência. Isso acaba alavancando o monopólio da Brahma. Qual é o resultado? A Brahma não precisa investir tanto e tampouco se modernizar.

Quanto mais se desenvolve o capitalismo, mais se desenvolve o monopólio. No caso do Brasil, o problema é que o estado, ao invés de lutar contra o monopólio das empresas, alavanca esse poder de monopólio e justifica isso, dizendo que é uma política de desenvolvimento. O estado é responsável pelo aprofundamento da lógica perversa do capital. Nos países capitalistas mais desenvolvidos, o estado tem um conjunto de leis que limitam as ações dos monopólios e estimulam as micro, pequenas e médias empresas. No Brasil, se faz o contrário. O estado estimula os grandes monopólios. Resultado: nós temos uma distribuição de renda péssima, uma taxa de investimento baixa e uma crise crônica de crescimento que vem se arrastando há mais de 25 anos.

“Permacultura é trabalhar com a natureza e não contra ela”

ENTREVISTA COM EDUARDO JOSÉ DIEHL

Para o médico veterinário, Eduardo José Diehl, a permacultura é uma ferramenta que nos “ajuda a enxergar soluções para que possamos ser o mais sustentável possível”. Ele alerta que é necessário buscar a sustentabilidade para diminuir as conseqüências do aquecimento global, da poluição da água e do solo. E, explica que, através da prática da permacultura, é possível desenvolver “soluções práticas para a continuidade da nossa espécie nesse planeta”. Diehl destaca que qualquer pessoa pode utilizar as idéias da permacultura, no cotidiano. “As pessoas podem realizar pequenas ações, como desligar a luz, produzir menos lixo, participar de programas de reciclagem, plantar alimentos orgânicos.”

Eduardo José Diehl é graduado em medicina veterinária, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele realizou o curso Permacultura Design e Consultoria, pelo Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) e, atualmente, participa do curso de mestrado do Núcleo Orientado para Inovação da Inovação da Edificação (NORIE) do programa de pós-graduação de Engenharia Civil da UFRGS.

Diehl desenvolve oficinas de compostagem e paisagismo sustentável, participando de palestras educativas e acompanhando projetos na área sócio-ambiental. Ele concedeu por telefone à IHU On-Line a entrevista que segue.

IHU On-Line - Quais são as vantagens que a permacultura proporcionará ao meio ambiente a longo prazo?

Eduardo José Diehl - A permacultura é uma ferramenta que nos ajuda a fazer uma releitura do modo como estamos vivendo. Ela nos ajuda a enxergar soluções para que possamos ser o mais sustentável possível, aqui e agora. Mas isso pensando a longo prazo. No entanto, buscar a sustentabilidade não é algo para o futuro, uma vez que as conseqüências, como o aquecimento global, a poluição das águas, do solo, a contaminação de alimentos, já estão sendo vivenciados atualmente. Assim, a permacultura vem no sentido de contribuir

para a reversão desta situação. Costuma-se dizer que ela é a cultura do óbvio, pois, se quisermos alimentos saudáveis, é óbvio que temos de parar de colocar agrotóxicos e adubos químicos no solo; se quisermos água limpa, é necessário que paremos de usar tantos produtos químicos. Partindo desse contexto, é impossível não agir.

A permacultura traz as soluções práticas para a continuidade da nossa espécie nesse planeta, já que ela se dedica a um pensamento ecológico de sustentabilidade, focado na criação de sistemas eficientes, produtivos e auto-sustentáveis para as

comunidades humanas.

***IHU On-Line* - O senhor afirma que a permacultura, além de estar preocupada com a sustentabilidade ambiental a longo prazo, também preocupa-se com a sustentabilidade energética e econômica. De que maneira a sustentabilidade energética e, principalmente, a econômica podem ajudar o meio ambiente?**

Eduardo José Diehl - Hoje, vivemos numa sociedade de consumo, atendendo a desejos ao invés de atender a necessidades. Se formos atender as nossas necessidades (alimentação saudável, água limpa, abrigo e transporte), vamos perceber que precisamos de muito menos do que estamos demandando. Então, tudo na vida está relacionado à energia, e tudo é energia. Nesse sentido, a permacultura está ocupada em otimizar essa energia, conforme afirma David Holmgren¹, um dos seus criadores. Para ele, o único cenário realmente sustentável nos próximos anos é o da energia decrescente, que consiste em reduzir a quantidade de energia que temos utilizado. Um exemplo é o petróleo. Atualmente, estamos no pico do petróleo, o que significa dizer que usamos mais da metade do produto disponível no subsolo e continuamos totalmente dependentes dele. Isso significa que devemos utilizar outras formas de energia, de forma eficiente, vivendo e consumindo de modo consciente. Isso está diretamente ligado a economia, uma vez que não podemos mais consumir de forma ilimitada, num planeta de recursos limitados.

¹ **David Holmgren:** é um ecologista, escritor e co-criador do conceito permacultura, em conjunto com Bill Mollison. Nos últimos 20 anos, tem se dedicado à pesquisa de soluções ambientais em todos os campos da atividade humana, com ênfase especial na questão da energia nos sistemas naturais. (Nota da *IHU On-Line*)

É coerente e necessário que compreendamos a eficiência energética com a qual os sistemas vivos sempre viveram e procurar aprender com isto. Assim, a permacultura nos faz olhar para a natureza, entender e repetir os seus ciclos energéticos.

***IHU On-Line* - O senhor diz que a permacultura é viável em qualquer lugar. Isso quer dizer que cada família pode elaborar, em casa, práticas agrícolas tradicionais? Como cada família pode fazer bom uso dela?**

Eduardo José Diehl - Permacultura é bem mais do que práticas agrícolas tradicionais; ela é uma síntese de uma cultura permanente e se dedica a áreas que garantem a sobrevivência: água, energia, abrigo e alimento. E, nesses aspectos, todos podem contribuir, seja fazendo uso adequado da água, coletando água da chuva, armazenando, usando e reutilizando, independente do espaço que se tenha. Na questão alimentar, todos podem ter seu próprio cultivo, seja em pequenos jardins, seja em floreiras ou vasos, ou, ainda, em hortas comunitárias. Assim, todos podem saber de onde vem seu alimento.

Para aqueles que não querem plantar alguns alimentos, podem consumi-los por meio de feiras de produtores orgânicos, próximas à sua casa. Assim, dá para ir caminhando, sem necessidade de utilizar o carro, e trazer, para dentro da residência, alimentos que são muito mais sustentáveis do que os produzidos no sistema vigente de agricultura. Essa é uma visão permacultural que pode ser aplicada no cotidiano.

Quanto ao abrigo, existem várias maneiras das pessoas melhorarem a climatização para aquecer a casa, secar roupa, por exemplo, adequando a casa

de forma a melhorar a qualidade de vida. No caso da eficiência energética, no dia-a-dia, as pessoas podem realizar pequenas ações, como desligar a luz, a televisão, produzir menos lixo, participar de programas de reciclagem, boicotar o que não é necessário. O ponto central é buscar as alternativas e observar a natureza, independente do local onde estejamos. Se buscarmos as informações, com certeza as respostas virão.

IHU On-Line - Quais são as soluções práticas e os benefícios que a permacultura pode trazer para os agricultores?

Eduardo José Diehl - O princípio básico da permacultura é trabalhar com a natureza e não contra ela. Percebe-se muito, hoje, no modelo agrícola vigente, um trabalho contra a natureza. Um caso clássico é o uso de herbicidas, que acaba eliminando a expressão natural da natureza. Há uma série de práticas agrícolas, como, por exemplo, os cultivos em agrofloresta, produção buscando maior biodiversidade; saneamento básico, gerenciando as águas que saem das casas; trabalhar com solo coberto; e criar estabilidade no sistema. Essas práticas fazem com que o agricultor tenha menos necessidade de trazer energias e nutrientes de fora do sistema do qual ele trabalha. Outra questão é a percepção das energias que passam por uma propriedade agrícola, como os ventos, os quais podem ser utilizados como energia para ajudar a diminuir a quantidade de lenha para secar o grão ou servir como quebra-ventos, trazer menos prejuízo com a queda de flores. Outra prática pode ser a do armazenamento da água da chuva no solo, com o uso de curvas de nível e o uso material orgânico cobrindo este solo. Todas essas práticas têm um baixo custo financeiro, e, com essa visão da permacultura, o agricultor consegue fazer um

manejo mais sustentável dos recursos naturais que ele dispõe no seu local.

Essa é uma forma de se conectar e trabalhar com a natureza, e não contra ela. Dos 10000 anos de agricultura, só nos últimos 50 anos é que começamos a envenenar a terra, poluir a água e depender do petróleo. Há uma grande incoerência nessas atitudes.

IHU On-Line - Existem cursos de permacultura? Como essa prática está sendo divulgada entre os agricultores? Elas são aceitas?

Eduardo José Diehl - Existem cursos de Permacultura sendo irradiados por vários institutos e indivíduos também. O curso idealizado por Bill Molison¹, o PDC - Permacultura Design e Consultoria, de 72 horas, ensina, por meio de teorias e práticas de planejamento de espaços, a utilizar princípios e leitura de paisagem, zoneamento, setorização, elementos chave da Permacultura.

Existem muitos projetos sendo desenvolvidos com agricultores, no IPEP - Instituto de Permacultura e Ecovilas da Pampa, em Bagé, no Rio Grande do Sul. O instituto está desenvolvendo, juntamente com os agricultores, o projeto Construção de tecnologias sociais e os conhecimentos de sustentabilidade para comunidades urbanas e rurais. O projeto resgata e produz sementes crioulas junto a pequenos agricultores de comunidades tradicionais de todo o Rio Grande do Sul. Esses grupos também têm atuado em comunidades quilombolas e no MST, tendo por

¹ **Bill Molison**: pesquisador, autor, cientista, professor, naturalista e é considerado o pai, junto com David Holmgren da Permacultura. É autor de, entre outros, *Introdução à permacultura* (Brasília: MA/SDR/PNF, 1998). (Nota da *IHU On-Line*)

enfoque a construção de cisternas (reservatórios de água) e bioconstruções, criando casas com mais qualidade ambiental e baixíssimo custo financeiro, através da utilização de materiais locais, como farpas de palha.

Nos cursos oferecidos pelo IPEP, existem bolsas que são direcionados a projetos sociais e a agricultores familiares, objetivando a difusão e o acesso a essas técnicas.

IHU On-Line - Como está o processo de conscientização da população em relação à permacultura?

Eduardo José Diehl - A permacultura ainda é um assunto bastante novo para a maioria das pessoas, em virtude do pouco enfoque dado pelos grandes meios de comunicação em massa para esse assunto. Mas, em virtude da questão da sustentabilidade e do

aquecimento global estarem em voga, mais indivíduos estão procurando e se aprofundando no tema. Aos poucos, a permacultura está sendo absorvida pelas pessoas, e elas estão demandando por permacultura. Estamos vivendo um momento bem interessante, no qual a população está tomando contato com as ações e conceitos da permacultura. Em pouco tempo, essa será uma visão de mundo muito presente na população, pelo momento que estamos passando. É importante ver a nossa casa, a nossa rua, o nosso bairro como um sistema vivo, e nós temos que nos sentir pertencentes a esse sistema. A permacultura nos oferece uma percepção desse sistema vivo. Mostra-nos que podemos contribuir positivamente para aumentar a eficiência energética e conseguir fazer com que essa teia da vida inter-relacionada no sistema, na qual estamos inseridos, consiga buscar o caminho da sustentabilidade.

Perfil Popular

Jorge Lino Machado

Jorge Lino Machado nasceu e foi criado em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Com a família sempre envolvida na indústria do calçado, Jorge conhece cada peculiaridade que esse trabalho traz. Ele começou cedo na indústria, aos 14 anos, e acompanhou cada crise. Hoje, aos 48 anos, trabalha no setor na segmentação de bolsas e acessórios e vê com preocupação a crise da indústria da região. “O governo não está ajudando com incentivos. Essa (crise) está mais longa e complicada.” Casado, Jorge fala com carinho de sua filha, Daniela, a primeira da família a cursar uma faculdade. “Acredito muito no talento dela. Sei que está no caminho correto, com garra e vontade.”



Origens

De uma família de seis irmãos, Jorge cresceu em Novo Hamburgo, no bairro Guarani. “O bairro era pequeno. Quando meu pai foi morar ali, era um dos primeiros moradores.” Os pais trabalhavam na indústria do calçado até a crise a atingir. “O meu pai se aposentou em uma única fábrica, que existe até hoje, a Calçados Jacó. Em Novo Hamburgo, hoje, ficam só os escritórios. A fábrica mesmo foi para a Bahia. Já a fábrica em que a minha mãe trabalhou a vida toda, a Calçados Vila Nova, não existe mais.”

Infância

Crescendo em um bairro tranquilo, Jorge teve uma infância alegre. “O brinquedo da gente era futebol. A gente também soltava pandorga, andava de carrinho de lombo. Não tinha esses brinquedos eletrônicos.”

Estudos

Jorge cursou o Ensino Fundamental no Colégio Novo Hamburgo, mas abandonou os estudos aos 14 anos para trabalhar. “Em uma família grande, com muitos irmãos, fui para o trabalho.” Jorge começou nas Calçados Requite, que, atualmente, não existe. Aos 18 anos, ele foi chamado para o serviço militar,

e quando voltou não tinha a mesma vontade para estudar. “Comecei a trabalhar, mas fiquei tentando voltar a estudar. Consegui terminar o segundo grau e parei.” Jorge planejava fazer um curso técnico na área, mas, novamente, a situação financeira falou mais alto. “Como eu já tava no ramo dos calçados, ficou difícil sair da fábrica e sobreviver da bolsa. Financeiramente eu iria regredir. Fiquei nas fábricas e fui aprendendo na prática. Nunca fez falta esse diploma técnico.”

Dificuldade

Jorge conta que todos os irmãos trabalhavam para ajudar no sustento da família. “Tu não consegue manter uma família de seis irmãos trabalhando com calçados. Todos nós estudávamos, mas precisamos de roupas, calçados, alimentação, e todo mundo teve que trabalhar. Trabalhar era uma necessidade.” Os irmãos de Jorge tiveram rumos diferentes. João Luiz está na China, pois a fábrica de calçados em que trabalhava se mudou para o país. Já Loreci ainda trabalha na região dentro da indústria calçadista.

Trabalho

Hoje, com a crise da indústria, a segmentação está presente no setor. Jorge trabalha na Cravo e Canela, que também produz outras três marcas, focando nos acessórios, como bolsas e cintos. “Tenho orgulho de trabalhar com calçados. Hoje, trabalhando em outro segmento, sinto falta de trabalhar só com calçado, pois me sinto deslocado. Na linha de tecidos, as máquinas são outras, tudo é novo pra mim. É uma coisa diferente.” Jorge tem orgulho de pertencer ao setor calçadista. “Toda a minha família sempre

trabalhou neste ramo e eu gosto muito de seguir nele também.”

Casamento

Como não podia deixar de ser, Jorge conheceu sua esposa, Maria Aparecida, em uma fábrica de calçados, a Erno, em Estância Velha. Ele trabalhava em uma filial, no almoxarifado, e ela na matriz, no departamento pessoal. Na unificação da fábrica, Jorge teve sua oportunidade. Hoje o casal tem uma filha de 19 anos, Daniela, que cursa Jornalismo na Unisinos. “Minha família está continuando o meu projeto. A faculdade era o nosso objetivo, mas financeiramente não tinha condições. Optamos por adquirir uma casa e daí veio a Dani. Ali começou outro processo. Nossa vida se resumiu à Daniela.”

Crise

Logo que conheceu Maria Aparecida, a fábrica em que o casal trabalhava fechou. “Ela foi trabalhar na Cristófoli, com os primos dela. Eu fui trabalhar nessa fábrica em que estou até hoje. Jorge se preocupa com a atual crise, diferenciando-a das anteriores sofridas pelo setor. “O calçado no Rio Grande do Sul teve muitos altos e baixos, mas nunca crises longas. Essa última aí está judiando mais. O governo não está ajudando com incentivos. Essa está mais longa e complicada.” Ele ressalta que mesmo com uma marca consolidada fica difícil superar este momento da indústria. “Em virtude de muitas estarem passando por momentos ruins, a concorrência diminui também. Quem conseguiu diminuir a fábrica, está conseguindo se manter.” Jorge ainda se preocupa com as conseqüências para o futuro das fábricas. “Tu não sabe realmente o dia de amanhã. A gente tem tentado outros segmentos e está

começando a dar certo, mas não sabemos do futuro.” Ele destaca as iniciativas que devem ser tomadas pelas fábricas para contornar a crise. “Temos que ter um diferencial. Pra se trabalhar em nível de consumidor, temos que pensar grande. Temos que investir em máquinas e pessoal para poder crescer.”

Futuro

Como a maioria dos trabalhadores brasileiros, Jorge se preocupa com o futuro e a sua aposentadoria. “Parece que este sonho está mais longe, em virtude de que tu não consegues te aposentar. Com as novas leis ainda vou ter que trabalhar mais uns cinco anos para poder me aposentar.”

Sonho

A filha Daniela é o sonho de Jorge. “Vou ficar torcendo para a Daniela continuar dando certo. Acredito muito no talento dela. Sei que está no caminho correto, com garra e vontade.”

Fé

Jorge é católico, mas não costuma freqüentar a igreja. “Acredito em Deus. Não acredito muito no padre. Cada um tem seu Deus. Não precisa ir todo o domingo rezar. A fé está nas coisas que tu faz.”

Política

“Tá tudo errado. Nada é sério.” Jorge é enfático quando fala de política no Brasil. Ele destaca o potencial do país, mas ressalta os problemas que o preocupa. “Tu paga tanto imposto que teria que ter todos os recursos possíveis. Se tu precisasse de um médico, teria que ter a ambulância na porta da tua casa. Tu paga e não usufrui de nada.” Ele ainda é otimista quanto ao futuro do Brasil. “Mesmo assim temos um país bom de viver. Temos como dar a volta, é só fazer uma política séria.” Jorge critica a falta de apoio do governo para o setor calçadista neste momento difícil. “Acho que eles não estão ajudando muito o setor calçadista e moveleiro. O setor de calçados e madeira são os mais prejudicados. Já o setor metalúrgico vai bem. As políticas são diferentes para os setores. Os agricultores não recebem também investimento.”

IHU REPÓRTER

Ilce Maria da Silva Duarte

Originária de Vacaria, Ilce morou em Osório na infância, mas adotou Novo Hamburgo como lar. A Unisinos é a sua segunda casa, onde conheceu seu marido e graduou-se em Secretariado Executivo. Tem especializações, também, em Recursos Humanos e Administração da Tecnologia da Informação. Seu filho, Victor, passa o dia na Escolinha Canguru, da Unisinos. Aventureira, Ilce adora viagens. Viajou pelo Brasil e já foi até o Chile de carro. No futuro, ainda planeja visitar a Europa. Sempre com muita competência, ela começou a trabalhar aos 14 anos e logo se destacou. Na Universidade, é analista de segurança na GSI, onde presta serviços para diversos setores. Conheça um pouco mais de Ilce Maria da Silva Duarte na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em Vacaria, mas pouco conheci a cidade. Logo em seguida, a família se mudou para Novo Hamburgo, onde moro até hoje.

Família - Meu pai, José, sempre trabalhou por mais de 35 anos como chefe de mecânica no Departamento Nacional de Estradas de Rodagens (atual DNIT). Minha mãe, Lindorfina, é dona de casa. A família é composta por seis filhos, três homens e três mulheres. Mudamos para Osório depois de alguns anos. Tinha uma vida tranqüila, numa família bem unida, com aquelas briguinhas normais. É uma família bem comprometida, até pela educação recebida do meu pai. Foi uma educação rígida. Meu pai é uma pessoa de muito compromisso, aberta e franca, e eu não caí longe do pé.



Estudos - Fiz os três primeiros anos do Ensino Fundamental em Novo Hamburgo. Em Osório, estudei até o fim do ciclo em uma escola rural. Voltamos para Novo Hamburgo, e comecei o Ensino Médio no Colégio 25 de Julho, à noite, no curso de Tradutor Intérprete Inglês.

Trabalho - Com 14 anos, eu comecei a trabalhar em uma fábrica de calçados, Ciro Calçados. Depois, fui para uma indústria de bolsas. Eu era jovem, mas, pelo meu compromisso e responsabilidade, cheguei a coordenar as atividades de montagem de bolsas em um dos setores da Stürmer Indústria de Bolsas. Saí dessa indústria para uma empresa de processamento de dados de Porto Alegre, Datasys. Fui informada que estavam contratando jovens para essa empresa, mas eu não sabia que atividade eu iria exercer. Eu teria que digitar. Na empresa, existia um prêmio de produção, que seria um tipo de salário extra.

Já no primeiro mês, eu fui a ganhadora desse prêmio.

Oportunidade - Em 1983, alguns colegas que trabalhavam na empresa me chamaram para trabalhar junto com eles na Unisinos, onde eles prestavam serviço, em época de vestibular. Trabalhei por uma semana. No semestre seguinte, fui chamada novamente e fiquei um mês. Nessa segunda vez, surgiu uma vaga para trabalhar na Universidade. Pedi desligamento na outra empresa, e meu chefe me deixou as portas abertas, elogiando o trabalho que desenvolvi. Fiquei um período na digitação e, então, fui trabalhar como secretária da direção. Em 1999, surgiu o convite para uma vaga na área de segurança de dados na Unisinos. Foi justamente na época da virada do milênio 2000, em que estávamos migrando os sistemas de uma plataforma para outra. Aceitei o convite e comecei a estudar as ferramentas. Estou até hoje nessa área, no controle de acesso, como analista de segurança de dados. Também tive a feliz oportunidade de ministrar disciplinas de informática, no período de 1997 a 2000, no Centro de Ciências da Comunicação.

Faculdade - Enquanto trabalhava na Unisinos, comecei os cursos de Jornalismo e Secretariado Executivo. Gostava muito de escrever, mas, quando me deparei com as disciplinas do Jornalismo, vi que o curso não era o que esperava. Eu sou muito poética na maneira como escrevo; não tenho o perfil de jornalista. Tranquei o curso de Jornalismo e continuei no Secretariado. Formei-me no curso e continuei trabalhando como secretária. Fiz mais duas especializações: Recursos Humanos e Administração da Tecnologia da Informação.

Casamento - Conheci meu marido, Fabiano, na Unisinos, em 1995. Ele trabalhava no meu setor, e, depois de algum tempo, começamos a namorar. Depois de seis anos, nos casamos. Ano passado, tivemos nosso primeiro filho, o Victor. A maior parte da minha vida

agora é direcionada a ele, que estuda aqui na Universidade, na Escola Canguru. E o Fabiano já foi integrante da Unisinos também. Hoje atua na SAP (parceira Unisinos).

Horas livres - Fico com a família. Dedico meu tempo ao Victor, que ainda é muito pequeno.

Esporte - Gosto muito de vôlei. Enquanto era aluna, eu jogava na Unisinos e participava de campeonatos. Também pratico caminhada quando tenho tempo.

Viagens - Quando tenho tempo, gosto de viajar. No ano de 2001, a convite do colega de trabalho, Marco, e meu marido, fizemos uma viagem ao Chile. Fomos de carro daqui até o deserto de San Pedro do Atacama, no Chile. Essa foi uma aventura muito legal, que até foi publicada no site de aventuras Inema. Relatávamos nossa viagem para o site, falando sobre todos os pontos pelos quais passávamos. Foram 17 dias de viagem. Gosto muito desse tipo de aventuras. E essa oportunidade nos fez rever as questões de planejamento, que se insere no dia-a-dia de qualquer um de nós, quando temos uma tarefa a cumprir.

Autor - Adoro Luis Fernando Veríssimo e as crônicas dele.

Cinema - Prefiro filmes de aventura.

Sonho - Um sonho meu é viajar para a Europa. Tenho amigas que moram no continente e insistem que eu vá para lá. Esse é um sonho que irei realizar. Tenho curiosidade de conhecer a Holanda. Tenho dois amigos de lá que vieram ao Brasil e se hospedaram na minha casa. Com eles, realizamos uma viagem do Rio Grande do Sul até Foz do Iguaçu, passando pela Argentina e pelo

Paraguai. Visitamos também a Lagoa da Conceição, em Florianópolis, onde meu marido morou, enquanto fazia o mestrado em Engenharia, na UFSC.

Unisinos - Para mim, a Unisinos é minha segunda casa. Todo o processo de amadurecimento e educação que eu tive advém da Unisinos. É a minha família também. Houve muitas mudanças, desde que comecei aqui. Tínhamos muito mais integração entre os funcionários de diversos setores. Existe uma diferença muito grande da Unisinos que entrei para a que temos hoje. A universidade perdeu essa característica da família, ao longo dos anos. Parece-me que a administração jesuíta implica uma administração mais familiar. Mudou bastante

isso, porque hoje não encontro tantas pessoas conhecidas daquela época. Entretanto, a Unisinos continua sendo a minha casa. Meu crescimento e todas as aquisições que fiz vieram daqui. Sempre apostei na Unisinos como uma indústria do conhecimento, tanto para mim como para qualquer pessoa que já passou por aqui.

IHU - O IHU representa, para a Unisinos, um espaço de integração e comunicação. Abre fronteiras, quando disponibiliza informações das mais variadas instâncias. O IHU transpõe as fronteiras da interdisciplinaridade através de seus projetos.